



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JÚLIA VIRGINIO CÂMARA

PENSAR, SENTIR E AGIR:
A ÉTICA DO CUIDADO NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Niterói – RJ
2023

JÚLIA VIRGINIO CÂMARA

PENSAR, SENTIR E AGIR:
A ÉTICA DO CUIDADO NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração Subjetividade e Exclusão Social.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Ana Claudia Lima Monteiro – UFF
Orientadora

Prof^a Dr^a Mariana de Castro Moreira – UFF

Prof^a Dr^a Alexandra Cleopatre Tsallis – UERJ

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C172p Câmara, Júlia Virginio
Pensar, Sentir e Agir: A Ética do cuidado na produção de
conhecimento / Júlia Virginio Câmara. - 2023.
71 f.: il.

Orientador: Ana Claudia Monteiro.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Psicologia, Niterói, 2023.

1. Feminismo. 2. Ética do Cuidado. 3. Metodologia. 4. Afeto.
5. Produção intelectual. I. Monteiro, Ana Claudia,
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a todas as mulheres que estiveram e estão no meu convívio que de maneira consciente ou inconsciente me ajudaram a estar onde estou. É uma alegria imensa e também um privilégio gigante, poder estar realizando sonhos de muitos anos, escrevendo e passando pelo processo do Mestrado. Sinto que só consegui chegar aqui a partir dessa energia feminina que sempre esteve ao meu redor. Obrigada pelos cuidados e aqui espero retribuir com minhas palavras e reflexões.

Agradeço a minha mãe, Diraci, por sempre, SEMPRE, acreditar em mim e me incentivar a ter a dedicação que eu tenho hoje em dia. Aprendi muito com você mãe, obrigada por me ensinar a ser essa mulher forte que vai atrás do que deseja. Obrigada pelos abraços, palavras confortantes e tudo o que você pode me dar e continua me dando. Me sinto amada e te amo de volta.

Agradeço a minha futura esposa, Carol. A mulher que me mostrou como amar outras mulheres. Obrigada por sempre olhar para mim e me enxergar. Obrigada por achar o meu trabalho importante e não me deixar desistir. Obrigada por sempre ver minha potência e me ensinar a ser cada dia a melhor versão de mim. Me sinto amada e te amo de volta. A nossa relação me inspira muito.

Agradeço às minhas amigas e colegas de profissão que me acompanham na minha jornada de estudos e alegrias e dores que possam ocorrer durante esse percurso da academia. Sem elas, também, acho que nada disso teria sido possível. Agradeço principalmente a Bárbara Martins e Luiza Loyola. Obrigada por sempre serem minha rede de apoio.

Também gostaria de agradecer as professoras da graduação e da pós. Vocês foram e sempre serão inspiração para mim. Guardo seus ensinamentos no coração, e para além disso, o afeto de vocês me ensinou muito mais do que qualquer conhecimento. Se um dia eu for um pouquinho parecida ao que vocês são, já fico feliz. Estou chegando para sermos colegas de profissão já já!

Quero agradecer principalmente a professora e orientadora Ana Claudia Monteiro por sempre estar pelo meu caminho me observando. Desde a graduação, nossos caminhos se cruzavam e disso sempre surgia um abraço gostoso, um carinho. No mestrado, sua atenção, dedicação e apoio foram essenciais para o meu crescimento. Seu olhar atento, sua fala, seu direcionamento me trouxeram até aqui. Obrigada por tudo Ana.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao grupo de orientação. Todos os encontros nos fortaleceram como coletivo e isso com certeza me fortaleceu. Todas

nós sentadas em roda, trocando, chorando, rindo, compartilhando histórias e narrativas me fez perceber que se relacionar na vida é o que a torna mais rica e é por causa de vocês também que eu consegui escrever o que eu escrevi. É por vocês também que escrevo. Obrigada Hil, Helena, Marília e Mayara.

Reconhecer que através da língua nós tocamos uns nos outros parece particularmente difícil numa sociedade que gostaria de nos fazer crer que não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é marca de inferioridade; pois dentro do dualismo do pensamento metafísico ocidental, as ideias são sempre mais importantes que a língua. Para curar a cisão entre mente e corpo, nós, povos marginalizados e oprimidos, tentamos resgatar a nós mesmos e às nossas experiências através da língua.

bell hooks

RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo que tem como foco afirmar um modo de produção de conhecimento a partir de teorias feministas. Nossa metodologia segue alguns princípios que são fundamentais para tal afirmação. O primeiro princípio desenvolvido é a ideia do “Pessoal é Político” que neste trabalho vem principalmente de Gloria Anzaldúa, uma intelectual norte americana que nos ensina que para fazer ciência, precisamos nos implicar e colocar em jogo as marcas do nosso corpo. Outro fundamento é entender que para fazer ciência, fazemos a partir do lugar dos afetos, sabendo que para pensar, primeiramente somos afetados pelo mundo e conseqüentemente afetamos de volta. Assim, a partir disso, apostamos numa ciência que é implicada e que luta por uma academia mais inclusiva e que se preocupe em como o conhecimento que é criado é utilizado na prática. Essa metodologia é baseada em teorias feministas que pensam uma ética do cuidado que envolve também uma didática e um modo de estar dentro da academia que é entrelaçado pelo afeto, pela paixão e conseqüentemente, interligamos o pensar, o sentir e o agir. Para além de Gloria Anzaldúa, mulheres como bell hooks, Audre Lorde, Silvia Federici, Sara Ahmed, Ana Claudia Monteiro e Marcia Moraes nos ajudam na composição do trabalho.

Palavras-chaves: Metodologia, Feminismo, Ética Do Cuidado, Afeto, Corpo, Pensar, Sentir, Agir.

ABSTRACT

The present work consists of a study that aims to establish a mode of knowledge production based on feminist theories. Our methodology follows certain principles that are essential to this assertion. The first principle developed is the idea of "The Personal is Political," which in this work is primarily derived from Gloria Anzaldúa, an American intellectual who teaches us that to engage in science, we need to implicate ourselves and bring into play the imprints of our bodies. Another fundamental aspect is understanding that in the pursuit of science, we do so from a place of emotions, knowing that in order to think, we are first affected by the world and subsequently exert an influence in return. Thus, building upon this, we invest in a science that is engaged and strives for a more inclusive academy, one that is concerned with how the knowledge that is created is applied in practice. This methodology is rooted in feminist theories that conceive an ethic of care, which also encompasses a didactic approach and a way of being within the academy that is intertwined with affection, passion, and consequently, links thinking, feeling, and acting. Beyond Gloria Anzaldúa, women such as bell hooks, Audre Lorde, Silvia Federici, Sara Ahmed, Ana Claudia Monteiro, and Marcia Moraes contribute to the composition of this work.

Keywords: Methodology, Feminism, Ethics of Care, Affection, Body, Thinking, Feeling, Acting.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Corpos docilizados pelo capitalismo patriarcal	35
FIGURA 2 – atlântico vermelho	45
FIGURA 3 – assentamento	46

Sumário

Indicação	10
Carta para as leitoras	12
Introdução	15
Capítulo 1 – Trazendo o corpo: impedir o silenciamento do corpo e suas violências.....	27
Capítulo 2 – Como falar de cuidado na produção de conhecimento?	41
Capítulo 3 – Uma concepção de poder feminista a partir do conhecimento: saber-aprender .	56
Conclusão – um chamado para as leitoras.....	66
Referências Bibliográficas	69

Indicação

No processo de feitura desse trabalho, ouvi essa música muitas vezes e ela me proporcionou muita força e conexão.

Por isso, indico-a antes de começar a leitura...

La serpiente - La muchacha

Vengo con los pies
 Llenos de caminos destapados
 Vengo de quedarme callada, ay
 Pa' dejarme escuchar la montaña
 Soy serpiente de piel tostada bajo el sol
 Soy serpiente marina, alé
 Bruja del agua, bruja del tiempo
 Del buen amor, del amor complejo
 Carne de tierra, carne de tierra
 Que anda con la luna, eh
 Vengo con las ganas de soltar
 Esta piel muerta, eh
 Vengo con las manos llenas
 Me tardé sin reloj
 Vengo a curarle la vida, ay
 A punta de caléndula hervida
 A-le-le-ala, le-le-le, déjeme mirarle el pico
 Pa' que no se olvide de mí
 No se olvide de usted ni de su raíz, alé
 Y soy serpiente de piel tostada, bajo el sol
 Soy serpiente marina, ay-lele
 Bruja del agua, bruja del tiempo
 Del buen amor, del amor complejo
 Carne de tierra, carne de tierra
 Que anda con la luna, eh
 Soy serpiente de piel tostada bajo el sol
 Soy serpiente marina, lele

Bruja del agua, bruja del tiempo
 Del buen amor, del amor complejo
 Carne de tierra, carne de tierra
 Que anda con la luna, eh
 Ay, que canta con la luna, eh
 Ay, que siembra con la luna
 Ay, que sangra, ay, que sangra como la montaña
 Serpiente de piel tostada, al Cumandá
 Y soy serpiente
 Y soy serpiente¹

¹ Tradução:

Chego com os pés
 Cheios de caminhos desvelados
 Chego de me calar, ai
 Para me deixar ouvir a montanha
 Sou serpente de pele tostada sob o sol
 Sou serpente marinha, ale
 Bruxa da água, bruxa do tempo
 Do bom amor, do amor complexo
 Carne da terra, carne da terra
 Que caminha com a lua, eh
 Chego com vontade de soltar
 Esta pele morta, eh
 Chego com as mãos cheias
 Demorei-me sem relógio
 Venho para curar a vida, ai
 Com uma infusão de calêndula
 A-le-le-ala, le-le-le, deixe-me olhar para o bico
 Para que não se esqueça de mim
 Não se esqueça de você nem de suas raízes, ale
 E sou serpente de pele tostada, sob o sol
 Sou serpente marinha, ai-lele
 Bruxa da água, bruxa do tempo
 Do bom amor, do amor complexo
 Carne da terra, carne da terra
 Que caminha com a lua, eh
 Sou serpente de pele tostada sob o sol
 Sou serpente marinha, lele
 Bruxa da água, bruxa do tempo
 Do bom amor, do amor complexo
 Carne da terra, carne da terra
 Que caminha com a lua, eh
 Ai, que canta com a lua, eh
 Ai, que semeia com a lua
 Ai, que sangra, ai, que sangra como a montanha
 Serpente de pele tostada, ao Cumandá
 E sou serpente, e sou serpente e sou serpente

Carta para as leitoras

Perdemos com o tempo a vivência das ruas. Lembro de histórias que minha mãe e minha tia contavam para mim sobre como as esquinas faziam sentido e como elas eram cheias de encontros e desencontros. Não consigo mais imaginar, por exemplo, combinar com uma pessoa em uma semana, uma saída, para nos encontrarmos na outra, sem confirmações incessantes por mil mensagens ansiosas. As esquinas guardavam ansiedades e saudades. O esperar era esperançoso e gostoso. O andar pelo coletivo, o ir de uma casa à outra era uma surpresa. Minha mãe me contava o quanto que ela tinha que andar e passear entre a cidade indo da casa do seu pai para dar um recado na casa de sua tia. Enquanto andava pelas ruas, as pessoas a reconheciam porque minha mãe tem semelhanças nítidas de aparência com o meu avô. As pessoas ainda se falavam nas ruas, olhavam, trocavam, aprendiam e estavam disponíveis para o contato com o que não era o seu próprio ser.

Uma outra memória que ela traz para mim e que escrevo aqui como se fosse uma lembrança nítida na minha mente foi quando ela falou do momento de quando pisou no Rio de Janeiro pela primeira vez. Minha mãe não conhecia ninguém, ela veio por uma oportunidade de emprego e estava chegando para morar em um pensionato de freiras. Ainda andando pelo aeroporto, ela escuta alguém gritando: “Américo! Américo!”. Alguém a estava chamando no Rio de Janeiro pelo o nome do seu pai, que morria de medo de avião e permanecia na Paraíba, pelas semelhanças fisionômicas. Aquele outro, pelo afeto que cultivava pelo meu avô, fez questão de parar numa encruzilhada para trocar com a minha mãe, falando do carinho que tinha pelo mesmo...

Quando menor, eu tinha medo de andar pelas ruas. Quanto mais longe precisava ir, menos vontade tinha em estar presente. Andava pelas ruas tensa e sempre olhando onde pisava. Não tinha coragem em olhar as pessoas, andava sempre com muita pressa, mesmo não tendo nenhum horário para cumprir. Uma das soluções que tomei foi fazer tudo o mais próximo possível de onde morava. Estudava em uma esquina, fazia curso de inglês na próxima. Ia para casa de amigos que moravam no máximo a quatro quarteirões, mas mesmo assim o público me gerava muita insegurança e medo. Só fui andar de ônibus sozinha aos dezessete anos de idade.

Hoje em dia entendo a construção política desse medo e dessa angústia em estar no coletivo. Juntas somos mais fortes e nos juntar gera medo nos que enxergam de cima. Estou construindo caminhos para alargar minhas ruas e passagens, onde eu possa parar nas esquinas e trocar olhares, sorrisos e palavras com os meus vizinhos. Os (des)encontros acontecem nas encruzilhadas e é nessa potência do desconhecido, do curioso e do inventivo

que quero pisar. Convoco a coragem da minha mãe, de vir para um lugar desconhecido buscando qualidades, para uma reconstrução de sentido dos territórios que acredito e piso.

Introdução

Uma pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue, seu posicionamento e ponto de vista particulares. Quando eu escrevo sobre ideias diferentes, eu tento encarná-las e corporifica-las ao invés de abstraí-las.

Gloria Anzaldúa

Esta é uma escrita-território. Todo momento vocês verão o meu corpo sendo contornado pelas palavras escritas nesses papéis. Faço questão de tocar nas palavras e fazer com que elas toquem consequentemente. Faço integração mente e corpo quando crio imagens de mim com a escrita. Piso no chão, respiro e teclo, teclado, teclo... Dou passagem para novas formas de me conhecer e conhecer o mundo ao meu redor com mais carinho, sensorialidade, com mais compreensão e amor.

Essa escrita-território é para você também. Piso no chão para poder traçar junto caminhos bonitos para as que estão vindo comigo nessa andança por lugares onde talvez nos sintamos sozinhas, desanimadas, tristes e não pertencentes. Piso, piso, com pisada forte, com a força da minha mãe nordestina, perpetuando a luz das que vieram antes de mim, dando valor, abraçando e fortalecendo essa forma de escrita que cria territórios potentes de existência para mulheres falarem através das suas marcas.

Volto para partir.

Sempre tive e vi o campo do saber como um casulo, um campo de força no qual eu me escondia. Como um espaço que me dava conforto, segurança e sentido. Eu era uma menina criança/adolescente muito estudiosa e retraída. O conhecimento me deu aprovação e uma visibilidade quase exclusiva. Foi o meu lugar por muito tempo.

Não questionava, aprendia por osmose. Não falava, só concordava com a cabeça. Meu lugar de privilégio (menina branca, cis, até então me entendia como heterossexual e de classe média) sempre me deu espaço para o silêncio e para a não crítica. De certa forma reproduzi por muito tempo o conhecer masculino do poder. Conhecimento patriarcal que se fortalece da sua suposta neutralidade e universalismo, que se esconde mostrando apenas o que convém e fazendo disso uma *não política* politizada que dá voz aos seus e faz desaparecer os que não se encaixam.

Por muito tempo eu quis (ou me ensinaram que eu queria) me inserir e sobreviver nesse lugar “não lugar”. Falo dessa forma já que tentava pertencer e exercer comportamentos que não eram meus e nunca seriam, pois afinal de contas, eu era uma menina que se tornaria

uma mulher e não um *homem*². Eu me espremi para poder caber, deixando transparecer apenas o que poderia me fazer ser vista por esses olhos. De certa forma, eu coube. Minha branquitude me ofereceu esse lugar que agarrei com todas as minhas forças, já que queria aparecer. Não só para ser vista mas também para ver gananciosamente os objetos de cima. Durante meu processo de formação eu caí no jogo de sempre: querer ser a protagonista porque eu queria ter esse poder que os outros me dariam de fora. Hoje sei que o poder não é algo que se tem, mas é uma prática relacional, e com esse pensamento crítico me questiono: De que lado dessa relação eu realmente estava? Eu queria ser dominante e nunca poderia ser, mas nunca me vi como resistência. Me permiti ser colocada como objeto por muito tempo só para poder exercer o poder que eu achava que era meu. Mas não era.

B A G U N Ç O o sentido.

D E S C O N F I O do conforto.

Q U E S T I O N O a segurança.

Que tipo de sentido de mundo e de si uma mulher menina produz a partir do saber?

Corpo menina que retrai e fecha

Corpo mulher que, aberto, sente e conhece

Sente e se conhece

Conhece sentindo

Produz e sente

Conhece e produz

Sente conhece produzindo

ao infinito

Escrevo a partir desse corpo de menina mulher que se forma numa tensão. O meu acordo com você, leitora, é de me mostrar: escrever aqui as sensações que estão me movimentando. Faço a minha escrita através dos afetos e não posso deixar de marcar o quanto que me sinto insegura e ainda uma menina em formação, em constante aprendizado. Muitas vezes sinto que ainda não sei nada, que ainda estou engatinhando. É desse lugar de “*não saber*” que a mulher ocupa no mundo patriarcal que eu escrevo, contudo, tento reconstruir

² Entendendo aqui *homem* como essa instituição masculina/patriarcal. De maneira nenhuma seria possível para mim exercer esse poder de *homem* por estar me tornando uma mulher.

esse conceito. Escrevo a partir do que **posso aprender e criar e vice-versa, criar para poder aprender.**

A menina-mulher está em constante formação porque se propõe aberta a aprender com os encontros, mesmo insegura e com medo. E neste processo tão novo e vulnerável vejo que também existe coragem. E é nesse ritmo que escrevo para aquelas em formação que nem eu, que mesmo com medo, se desenvolvem e estão fazendo a escolha de não ficarem em silêncio.

Sigo uma ética do amor e do cuidado com a minha escrita. Quero aprender a partir do amor. Nessas páginas não busco através da dominação e do colonialismo produzir conhecimento. Quero produzir conhecimento a partir das experiências que vivi e vivo, podendo dessa forma, aos poucos, construir também, pedaço por pedaço, aquilo que entendo sobre mim. Nisso tem medo, mas o medo não vence a coragem e o desejo.

Estar consciente permite que examinemos nossas ações criticamente para ver o que é necessário para que possamos dar carinho, ser responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender. Entender o conhecimento como um elemento essencial do amor é vital, pois somos diariamente bombardeados com mensagens que nos dizem que o amor está relacionado ao mistério, ao que não podemos conhecer (hooks, 2020a, p. 119).

Faço a escolha de ir pelo desconfortável e desconhecido. Não mais quero fazer esforços para caber num certo modo de existir e pensar, quero quebrar essas paredes e me esticar, sabendo que os meus movimentos incomodarão e talvez vão ser vistos com ressalvas. O conforto desconfortável do poder do patriarcado não é mais onde quero morar, agora a intenção é reformar o meu corpo com outros poderes que me enxergam por inteiro.

Acredito que esse corpo em formação feminista demorou para amadurecer, mas hoje, estou aqui, reverberando e criando. Pensando nas meninas em formação no presente, o que eu, a mulher do presente, pensando na minha menina do passado, posso fazer? Qual minha ação nessa formação e nesse campo? “Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio?” (Lorde, 2020, p. 53).

Minhas memórias sobre o desejo de ser professora são de muito longe. Como coloquei acima, o campo do saber sempre foi um espaço onde eu estive inserida de alguma forma, mas o desejo potente em ser professora vem da minha infância, antes mesmo de entender as dores

e as delícias do sistema acadêmico. Sempre estudei muito, mesmo quando não era necessário. Com 10, 11 anos, qual criança está preocupada em estudar? Minhas brincadeiras sempre envolviam estudar. Minhas brincadeiras favoritas eram: ser professora e ser cientista.

Quando brincava de ser professora, arrumava meus bichinhos e bonecas enfileirados, dava nome a cada um deles, personalidades e fazia chamada, escrevendo em minha agenda quem foi e quem faltou. A brincadeira durava horas e nessas, eu ensinava aquilo que aprendia na escola. Eu tinha um quadro de giz e depois de um tempo tive quadro branco. Nunca cansei de brincar de professora, mas a brincadeira foi ficando mais “séria” porque na escola, meus colegas queriam estudar comigo, e eu, com prazer, gostava de *dar aula* para eles também. Era uma forma de aprender, quando eu estava ensinando. Gostava da troca, de sentarmos na mesma mesa, lermos juntos, falar nossas dúvidas e discutir nossas ideias. O aprender vinha com facilidade quando era assim.

Quando eu era cientista, eu pegava uma maletinha que tinha dentro frascos com alguns produtos que eu podia brincar: sabão, água, água oxigenada, tinta, bicarbonato de sódio e tudo que eu encontrava pela cozinha para fazer misturas mirabolantes para descobrir o que resultava se eu misturasse uma coisa com a outra... Essa brincadeira eu dividia com amigas que moravam no mesmo prédio que eu, e a gente ficava fazendo ciência e conversando pelo vão do prédio que ficava nos fundos. As nossas vozes ecoavam enquanto a gente exercitava nossa curiosidade.

Esse gostinho do estudo nunca saiu de mim e acho que, hoje em dia, eu posso afirmar, que é algo que percorre nas veias. O mestrado aparece para mim como uma oportunidade de continuar com essa brincadeira de ensinar e aprender. Acredito na potência que o conhecimento tem, principalmente aquele feito a partir de uma metodologia que agrega e não subjuga o sujeito. Quero me tornar professora porque estar na formação de uma outra pessoa é algo único e restaurador. Estar na formação do outro é estar no momento de construção de um sujeito, de uma vida que se abre para o mundo. Acredito nessa forma de ensinar que é a partir do vínculo, da relação, do coletivo, do amor e do cuidado.

Esta dissertação é também para isso: é para lembrar a mim e a você o quanto é realmente potente o conhecimento. Mas é a partir de uma forma de ensinar e aprender que aposto com bases em estudos feministas que eu vejo que a academia pode mostrar suas mais belas cores.

Fui criada por três mulheres. As três, cada uma com suas singularidades e papéis, me abriram os olhos para o mundo: me ensinaram a ser uma mulher dedicada, criativa e sensível. Mesmo dentro de casa, em um ambiente “totalmente feminino”, fechado, privado e idealmente seguro, onde homens não entravam com uma certa regularidade, eu não aprendi muito sobre feminismo. Em algumas ações e particularidades, hoje consigo ver um pouco do feminismo branco: fui intensamente ensinada, por ser uma menina branca, a focar a minha vida nos estudos, faculdade e trabalho. Morei (e ainda moro) em um bairro de classe média alta da minha cidade e estudei em uma escola particular católica de renome; tive privilégios que a maioria das meninas do nosso país não têm, e hoje eu consigo ver isso. Desde pequena fui incentivada a criar para ter o meu próprio dinheiro, para não depender de ninguém financeiramente etc, mas não era algo que eu precisava, minha mãe me sustentava e eu fazia pequenas coisinhas criativas para vender como *hobbie*, como bijuterias, pequenos bordados nas faixas de cabelo das minhas amigas...

Eu nunca ouvi a palavra “feminismo” na minha infância/início de adolescência. Ou se ouvi, com certeza não relacionei a algo bom, já que as relações simbólicas e de poder entre os gêneros eram bem tradicionais ao meu redor, ou seja: ainda tratavam o feminismo como bruxaria e as mulheres que não seguiam as normas como malucas estúpidas.

Eu fui muito bem ensinada, cresci aprendendo a reprimir as coisas com excelência. Fui crescendo dentro do sistema que me reprimia e alienava, enquanto eu sentia que engolir sapo era o que eu deveria fazer. Meus desejos ficavam para mim, para dentro, enquanto eu me preocupava em realizar os desejos dos outros que me tinham como objetos. Objeto de desejo, objeto de comparação, objeto de sustentação, objeto de ridicularização. Eu servia para os outros e por conta disso fui me perdendo.

Só consegui me encontrar e viver para mim na adultice. Alguma coisa dentro de mim estalou enquanto eu escrevia o meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Psicologia. Eu tinha 23/24 anos. Consegui resistir por muito tempo à *feiticeira* do feminismo... Hoje ainda me sinto uma menina-mulher porque esse corpo que vivo ainda é bastante recente e estou vivendo minha fase de lua de mel com conflitos. Escrevo esse trabalho com 26/27 anos. Nesses dois anos, fui me vendo e reconstruindo o meu corpo de fora para dentro, o processo vem se dando dos lugares mais coletivos para os mais particulares que só divido comigo mesma, e agora com vocês.

No coletivo entre nós, no particular, o patriarcado e o machismo existiam e rondavam nos jogos de poder, hierarquias, permissões e punições. Não as culpo, as amo e as agradeço. Mesmo que elas não falassem intencionalmente sobre o feminismo, seus conceitos e teorias,

vejo que, por mais que o machismo existisse, o fato de terem vindo “sozinhas” do interior da Paraíba para o Rio de Janeiro, no final do século XX, foi extremamente revolucionário e bem feminista, no sentido de darem um pulo no escuro, acreditando em si e nas possibilidades que os seus corpos, aprendizados e esperanças poderiam oferecer-lhes.

Eu entendo o lugar de cada uma delas – três nordestinas que vieram para o sudeste procurando melhor qualidade de vida, cada uma com suas singularidades e dificuldades – e compreendo esses ensinamentos porque era isso que era de mais importante para elas. Estavam sobrevivendo ao mundo que conhecemos, e elas, nas suas vivências não tiveram condições, interesses e/ou tempo para estudar uma vida feminista como imaginamos hoje em dia, mas, de fato, praticaram na pele.

Comecei a viver o feminismo (que já existia em mim como uma chama interna porém reprimida) a partir de outras mulheres e de críticas aos comportamentos machistas que reproduzia sem pensar. O feminismo vem até mim quando toca no meu corpo através do amor e do prazer. Quando me entendo como uma mulher bissexual dentro de um relacionamento com outra mulher, com a mulher que hoje é minha noiva, não tenho medo do que eu sou, sinto o desejo e me acolho quando me permito viver o apaixonar-se. A *bruxa* conseguiu jogar a sua magia em mim e eu gostei. O sentir-se feminista me deu poder e peito aberto para proteger a(s) minha (s) mulher (es) tanto dentro, quanto fora de mim.

O trabalho se propõe desafiando o modo visível de produzir conhecimento da Ciência Moderna, visando questionar a metodologia científica como entendemos hoje em dia e afirmando uma metodologia que é fundada nos pensamentos e teorias feministas, dando ênfase em uma forma de fazer ciência que leve em consideração as singularidades e que dê visibilidade aos seus sujeitos de conhecimento.

Fazemos uma escolha de palavras aqui: conhecimento visível. O conhecimento visível é esse que é difundido sem entraves na produção da ciência moderna. Uma forma de produção masculinista, que, como o nome já diz, dá visibilidade para alguns (em sua maioria homens brancos, europeus, cis, hetero, sem deficiência...) e deixa no escuro outros como por exemplo mulheres, pessoas negras, do sul global, que fogem as regras heteronormativas e pessoas com deficiência.

Essa escolha de palavra é importante já que o trabalho se dá com um sentido: uma aposta em produções que existem, mas que não são visíveis. Aposto na produção feita por

esses corpos “outros” que estão pelas beiradas, fazendo suas entradas e causando transformações ao centro. Critico o visível para se fazer ver o que normalmente fica turvo.

Defendo uma ciência baseada no cuidado e no amor, que foi a forma com que me encontrei com o feminismo. Uma ciência que se dá a partir da coletivização dos saberes e que questiona os jogos de poder – que acredito ser um jogo muito masculino de competitividade, foco no indivíduo e hierarquização, como em um jogo neoliberal – que existe quando estamos propondo produzir saberes acadêmicos. Ou seja: escrevo a partir de uma literatura feminista que é uma literatura que se faz de forma mais encarnada, implicada e com uma escuta cuidadosa. Uma literatura feminista, decolonial e interseccional. Quero me formar uma professora que acredita numa academia e numa produção de conhecimento a partir desses ideais e assim poder ensinar uma forma de estar no mundo que cuide do pensar, do sentir e do agir³.

Afirmo produções mais saudáveis e consequentemente subjetividades mais saudáveis.

Dessa forma as mulheres apontam para a superação do conhecimento como um processo meramente racional, incorporando a dimensão subjetiva, emotiva, intuitiva no processo do conhecimento, questionando a divisão corpo/mente, sentimento/razão. (...) Um processo de conhecimento construído por indivíduos em interação, em diálogo crítico, contrastando seus diferentes pontos de vista, alternando suas observações, teorias e hipóteses, sem um método pronto. Reafirma-se a ideia de que o caminho se constrói caminhando e interagindo (Rago, 2019, p. 380).

É importante ressaltar, então, que a pesquisa se propõe a pensar a luta feminista ao lado das questões de gênero. Penso o movimento feminista não apenas como uma luta pela igualdade de gênero, mas, de maneira amplificada, é uma luta revolucionária político-sócio-cultural com o objetivo de mudar a raiz do sistema que vivemos. É com essa veia que o trabalho pretende se estabelecer.

A futura luta feminista precisa ser solidamente alicerçada no reconhecimento da necessidade de erradicar os fundamentos e as causas culturais do sexismo e de outras formas de opressão social. Sem desafiar e modificar essas estruturas filosóficas, nenhuma reforma feminista terá um impacto duradouro (hooks, 2020b, p. 66).

O foco é afirmar a potência subjetivante da literatura feminista e questionar dessa forma, o modo de produzir ciência da estrutura capitalista, patriarcal e eurocentrada que vivemos, questionando o seu androcentrismo, colonialismo, reducionismo, centralismo e

³ Falo mais sobre isso no capítulo 2.

afastamento. É reativar os poderes do coletivo feminino que fora perdido principalmente com a ascensão do capitalismo e com isso afirmar uma nova forma de fazer conhecimento reconectando as mulheres e restabelecendo seus poderes sobre elas mesmas.

O trabalho se dá para **refletirmos as metodologias de produção acadêmicas** que se endurecem e reafirmam um modo de ser no mundo. O modo de produzir diz do produto e conseqüentemente produz no mundo. Se temos um modo de produção reducionista, colonial, androcêntrico, reproduzimos esse tipo de pensamento no mundo onde vivemos. Não só produzimos esse modo de pensamento, mas também um modo de agir, causando comportamentos violentos que apartam as diferenças e as singularidades do coletivo. Penso em uma produção encarnada, sensível e acolhedora, pensando no modo de produção que cuida, territorializa e coletiviza. Dessa forma quero potencializar, dar foco e fazer um chamado para que mais literaturas dessa forma (que eu indico serem feministas) possam ser produzidas.

Meu desejo com essa escrita é apresentar uma forma de produção de conhecimento, mas também é acreditar que essa metodologia pode ser aplicada também dentro da prática docente e na didática. É em uma academia feminista onde quero estar e atuar. Acredito muito na relação e na potência que ela tem no ensino. Uma professora que ensina (e aprende) a partir desses conceitos que coloco aqui na minha dissertação - de forma encarnada, a partir de um cuidado e entendendo o seu lugar, tentando subverter a ideia de hierarquia, apostando no poder do aprendizado no coletivo – transforma a formação e conseqüentemente a vida das suas alunas.

Não à toa, escrevo a partir da área do conhecimento da Psicologia. Não de uma psicologia que reduz, aliena, enquadra e normatiza, como em sua origem, mas uma psicologia que cuida de uma forma consciente e acolhedora.

Quero falar de um sentido específico que a psicologia me convoca: o escutar. De forma muito capacitista e reduzida, a nossa sociedade funciona a partir da visão e do nosso olhar, porque é assim que podemos controlar melhor o meio que estamos, vendo de onde vem e para onde vão as pessoas que nos rodeiam. “O olhar é um convite para diferenciar”, como diz Oyewumi (2021), mostrando o quanto a visão pode ser perigosa, quando o diferente é

ameaçador para o homem branco europeu. A partir dessa *cosmovisão*⁴ a psicologia poderia servir para adestrar o que fugia da norma, mas aqui, pretendo falar de uma *cosmopercepção* de mundo, indo para além da visão quadrada e padronizada.

A psicologia que acredito, é uma psicologia que escuta. Uma psicologia que não só ouve, mas escuta com os poros. Uma escuta atenta aos princípios feministas. Não basta apenas ouvir, é preciso escutar. Lendo um livro esses dias, me deparei com uma distinção muito interessante entre esses dois verbos que encaixa com o que estou explicitando:

Os ideogramas da língua japonesa para ouvir e escutar me ajudam mais: kiku é o som para ouvir e escutar, a mesma recepção pela mecânica dos sons. A diferença está na imaginação iconográfica da escrita e no contexto de quem os anuncia. Ouvir (聞<) é desenhado por dois portões que acessam ao ouvido: é a operação do som em nosso corpo. Escutar (聴<) é composto por quatro partes: o ouvido; o número dez no topo; no centro da imagem há um olho; e na parte inferior, o coração ou a alma. É preciso dez vezes outros sentidos, como a visão ou os afetos, para que se possa escutar (Diniz; Gebara, 2022, p. 14).

Acredito nesse tipo de psicologia que usa o coração e a alma para escutar, e é a partir desse lugar que escrevo esse trabalho, propondo uma escuta atenta e cuidadosa dentro da academia, uma escuta que se faz com o corpo inteiro.

O que acontece quando escrevemos C O R P O numa folha acadêmica? É possível escrever verdades encarnadas? O que essas verdades produzem e permitem?

As palavras que escrevo neste documento são um pouco de mim. O que eu penso não sai somente da minha mente, mas é uma produção corporal. Elas se formam na minha cabeça, eu as escrevo com os meus dedos, as sinto na minha pele que se arrepiando enquanto me apoio e me sustento pela minha coluna que está sentada na cadeira nesse momento. Uso as minhas palavras como uma das formas de me apresentar e dessa maneira me sinto inteira. Pretendo

⁴ Aqui utilizo um pensamento de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021) em seu livro “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero” onde ela fala que o mundo ocidental está preso em sua cosmovisão enquanto o mundo africano expande os sentidos e percebe o mundo a partir de uma cosmopercepção, o que eu acho mais adequado para nós também, abrindo sentidos outros para explorar o mundo ao nosso redor.

aqui vomitar e não engolir mais os meus pensamentos, desejos e sentimentos. Todos os sapos que engoli, eu devolvo.

Como Ana Cláudia Monteiro (2020, p. 131) afirma:

“Há o pressuposto de que conhecer é algo que deve acontecer de maneira desafetada, para tanto, estabelecemos a dicotomia entre razão e emoção, apontando para o fato de que a emoção “atrapalha” o conhecimento e deve ser controlada pela razão, esta, sim, capaz de ver as coisas claramente”.

E, junto dela, acredito e aposto numa outra forma de conhecimento que envolve afetar e ser afetado.

Faço uma aposta metodológica. Quero poder produzir conhecimentos encarnados. Quero escrever e redesenhar o meu corpo nas palavras do papel. Não quero mais me esconder, quero apossar esse lugar que crio e que é meu e nosso. Quero poder escrever para mim e para, principalmente, as mulheres estudantes e pesquisadoras que sofrem no processo de escrita de seus escritos.

Escrever falando de si é um acordo político já que essa fala não é individualizante, ela é uma proposta coletiva, para e das outras também. **Dessa forma acredito que a literatura feminista fala algo muito importante que uso inteiramente no meu processo de escrita desse trabalho: O pessoal é político. Faço disso também uma ferramenta metodológica. Tanto os conceitos aqui apresentados quanto às experiências, memórias, histórias descritas, são ferramentas da construção de conhecimento que defendo.** Faço um trabalho majoritariamente na primeira pessoa do singular, mas entendo que dentro de mim existem muitas e que estas se conectam com muitas também fora de mim.

Aprendo com Gloria Anzaldúa (2021, p. 129) quando ela escreve sobre a forma dela se colocar nos seus ensaios:

Meu rotular a mim mesma é para a chicana e lésbica e todas as pessoas em mim não sejam apagadas, omitidas ou assassinadas. Nomear é como eu faço minha presença ser conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência.

É com as forças da *indisciplina*⁵, da vontade de sobreviver, do viver e do não lugar que me estendo em pé. Não tenho o meu corpo como máquina ou somente como o monstro em mim que precisa ser domado, quero fazer de mim um fluxo e apostar que o meu corpo também produz conhecimento e não é somente objeto de observação.

⁵ Falo no sentido de uma não disciplinarização do corpo.

Enquanto me formo *Mestra* em Psicologia numa instituição pública, estou no processo de me reconstruir *mestra* de mim. Produzo conhecimentos novos de mim mesma e assim vou construindo subjetividades mais potentes da minha existência. O meu corpo é o meu território, arma e escudo. Eu o utilizo para ir de encontro e ao encontro com o mundo posto. Pretendo machucar e ser machucada para cicatrizar de outros modos o que conhecemos, produzimos e vivemos. Os encontros são arriscados e complexos. Eles são sempre capazes de gerar frutos positivos, mas isso não se dá, muita das vezes, de maneira fácil e simples. É preciso cuidado, atenção, prudência, coragem e audácia para conseguir chegar no que é desejado.

Quero ir contra o pensamento capitalista de que o corpo é apenas uma função, como Silvia Federici (2017, p. 277) pontua: “Fazer do próprio corpo uma realidade alheia que se deve avaliar, desenvolver e manter na linha, com o fim de obter dele os resultados desejados, se converte em uma característica típica do indivíduo moldado pela disciplina do trabalho capitalista”. Quero fazer do meu corpo o meu lugar de pertencimento. É do meu corpo feminino que discurso e produzo conhecimento.

Nesta dissertação quero escrever a partir de deslocamentos de mim mesma. Vou e volto nos encontros que tenho comigo. Me monto como um quebra-cabeças de passados presentes e futuros misturados. Escrevo por aqui memórias que já se foram, lembranças que ainda não existem. Narro pequenos blocos de uma vivência que ao mesmo tempo verídica é ficcional. Me coloco e me conheço para poder saber um pouco mais do mundo a partir do corpo que habito. Construo narrativas de mim e as quebro, como muitas vezes na história da nossa espécie fizemos com os mitos. Construimos verdades, vivemos as mesmas e depois podemos reconstruí-las. Como ferramenta de pesquisa, trago experiências/recortes/memórias, e, através delas, vou trazendo à superfície o que somos ensinadas a esquecer: de que o nosso corpo tem poder mesmo depois de tanta invisibilização e violência sofrida. O nosso corpo tem lugar na produção de conhecimento e é a partir desse entendimento que podemos criar saberes de forma mais cuidadosa e sensível conosco e com os seres ao nosso redor.

Uma das minhas grandes inspirações e fomentadoras da minha escrita, Gloria Anzaldúa, me ensinou que é a partir das encruzilhadas de si que podemos escrever e produzir verdades. Vejo essa encruzilhada em mim e não quero sair da mesma. Anzaldúa é uma das primeiras mulheres a pensar e conceituar o que hoje entendemos como feminismo interseccional e aqui, ela potencializa esse terceiro lugar das esquinas, das quinas, daqueles lugares que estão em seus limiares de existência; Eu sou um rio fluido, como ela escreve em

um de seus textos⁶ e identificar esse lugar de fluidez dá uma margem mas não endurece completamente a minha forma de ser. “Identidade não é um monte de cubiculozinhos abarrotados respectivamente com intelecto, raça, sexo, classe, vocação, gênero. Identidade flui entre e sobre os aspectos de uma pessoa. Identidade é um rio - um processo” (Anzaldúa, 2021, p. 133).

É a partir dessas encruzilhadas que as nossas marcas aparecem e é a partir dessa imagem corpórea que é possível viver. Só é possível viver a partir do corpo e das afetações. Ou seja: só é possível conhecer a partir do corpo que se é. A produção de conhecimento se faz de forma aterrada, a partir de nossas identidades que se encontram nas esquinas.

Encruzilhada como a energia da liberdade das ruas e dos corpos. Escrevo a partir das encruzilhadas alegres, das esquinas onde uma pessoa espera a outra para se encontrarem, das quinas das ruas onde as pessoas vizinhas param para conversar e tomar um café, trocando convívios.

As encruzilhadas falam ainda de um modo de relacionamento com o real ancorado na crença em uma energia vital que reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais, na sacralização do corpo pela dança, e no diálogo do corpo com o tambor (Simas, 2019, p. 14-15).

Por entender que a linguagem é uma das formas de manutenção do poder, uso a minha para defender uma produção de conhecimento encruzilhada e de fronteira: corpo e mente, privado e público, individual e coletivo. Nessas páginas seguintes, eu faço questão de parar em cada esquina para que a gente possa ocupá-las. Em cada página atravesso com as minhas experiências que podem muito bem serem suas também. Construo a minha escrita com as nossas mãos e os nossos olhos, uma escrita que vislumbre alianças e que fale, dentro do plano das singularidades e da diversidade, dos nossos comuns que existem entre nós.

De acordo com Sara Ahmed (2022, p. 26): “Usamos nossas particularidades para desafiar o universal”, nesse sentido, essa dissertação é uma filha que precisou ser gestada e parida; ela é sangue do meu sangue e tem muita carne. Quero que a minha filha desafie o mundo. Deixo minha dissertação livre para encontros e debates para todas.

Que ela possa desbravar.

⁶ *Esqueerzita(r) demais a escritora - Loca, escritora y chicana* em “A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios”, de Anzaldúa (2021).

Capítulo 1 – Trazendo o corpo: impedir o silenciamento do corpo e suas violências

Po (eu) sia

de mim
para mim
sobre mim
e outros.

Achando conhecimentos
nas profundezas da pele
que sente e também repele
mas invoca e agrega

Implica e se transforma
circulante e pendular
de ida e volta
revolta
da noite pro dia.⁷

O corpo é também uma complexidade de redes de sentidos que se interconectam e é um espaço criado e em criação. Sendo assim, pensar em corpo-tema marcaria as alianças que venho tecendo com diferentes epistemologias e práticas feministas e feministas descoloniais que convocam o corpo como território de experiências coletivo-individuais de modo situado, político e marcado. É desde o corpo (com suas marcas de exploração, gênero, classe, raça, deficiência e sexualidade) que muitas de nós, mulheres que interferem na cultura também a partir da produção acadêmica do conhecimento, enunciamos problemas de pesquisa, narramos relações situadas entre o pessoal e o político, fazemos proposições, construímos conhecimentos e intervimos. O corpo como corpo-chão se conformaria como uma perspectiva feminista da noção de campo-tema (Teles, 2021, p. 40).

... Eu tinha um grupo de amigas e elas eram bastante populares na nossa série, tanto na nossa escola, quanto no bairro onde nós morávamos. Sair com elas era sempre um desafio e +sempre me sentia deslocada. Sempre me colocando em lugares que não eram meus, eu

⁷ Poema escrito por mim mesma no ano de 2016. Lembro que escrevi esse poema depois de uma aula onde experienciamos o lado sensível do nosso corpo na formação como um corpo-psicólogo.

tentava ser e querer ser algo que não seria nunca uma realidade para mim. Eu não era popular, era apenas amiga das populares. Lembro que quando se referiam a mim, falavam: “Sabe a Júlia? Aquela, amiga de fulana, magrinha, que não fala muito...”

Eu queria ser popular, era uma menina branca de classe média... o que me impedia? O meu corpo, pouco desenvolvido, não me ajudava muito. O meu metabolismo sempre foi muito acelerado, o que não me permitia engordar ou criar alguma gostosura para que outros pudessem apertar e se deliciar como um pedaço de carne. Sempre fui bastante olhada com olhos de pena. As pessoas tinham medo de me abraçar e me quebrar e faziam piadas relacionadas com isso. Essas piadas eram dirigidas a mim diretamente e o que era engraçado/triste era que eu ria de mim mesma.

Essas minhas amigas da época eram consideradas “gostasas”. Tinham se desenvolvido precocemente e eram vistas como um objeto de aquisição dos meninos ricos da minha escola. Estamos falando de sexualização de adolescentes dentro de uma escola católica, que por mais que fosse bastante rígida e separasse qualquer casal se beijando nos corredores, não poderia, mesmo com suas aulas de religião e tentativas de docilizar os corpos, controlar as mentes de adolescentes desejosos e excitados incentivados por muita pornografia.

Sempre fui bastante inocente também. Boba. Queria sempre agradar as pessoas ao meu redor e isso dava brechas para elas me machucarem. Uma vez uma amiga me fez colocar uma roupa meio ridícula para irmos ao cinema, onde eu iria ficar com um menino que eu gostava. Chegando lá, as pessoas debocharam de mim e eu só queria ser olhada com desejo. Eu queria ser o que as minhas amigas eram naturalmente: objeto de desejo alheio.

Lembrando disso agora, algo que aconteceu há mais de uma década atrás, não me reconheço. Hoje luto exatamente pelo contrário. Na nossa mente em formação na adolescência, nós só queremos a todo custo nos enturmar e não ficar de fora. Era horrível ser olhada com desdém e como uma menina que não era desejada por ninguém, nem pelas próprias amigas que me colocavam à margem delas. A sociedade me moldou para ser desejada e isso foi criando uma subjetividade em mim que precisou morrer para que a nova Júlia - a de hoje em formação - pudesse encontrar uma brecha para florescer.

Às vezes é necessário morrer. A morte pode ser considerada vida e renascimento de um outro ângulo. Eu precisei morrer várias vezes para essa Julia que existe hoje poder existir,

e morro todo segundo para poder me renovar. Poder escolher que parte de nós que vai morrer é um privilégio de poucos, e eu admito que tenho esse privilégio de me reconstruir quando vejo que tem algo em mim que não corresponde mais ao que acredito. Vejo que muitas mulheres, são assassinadas, principalmente mulheres de cor, de classe baixa, com deficiências e LBTs. A violência do nosso mundo nos mostra que a existência das mulheres, de algumas mais do que das outras, é envolvida sempre de muita dor, tanto física quanto psicológica. São mortes não tidas como necessárias mas que são morridas mesmo assim. Essas mortes são vividas como perdas grandes, já que esses pedaços de si ainda faziam sentido naquele corpo.

Fico me questionando: Como reflorestar uma mata morrida? É preciso queimar para cicatrizar e tatuar por cima, e essa tatuagem fica como um machucado.

Eu precisei morrer para lembrar da força que existe dentro de mim. Precisei conhecer o poder do feminino e não mimetizar o poder masculino que queria gestar em mim. Decidi engravidar de mim mesma, engravidei do poder feminismo e sinto prazer com ele. Meu poder é erótico e relacional, cheio de amor.

No entanto, quando passamos a viver de dentro pra fora, em contato com o poder do erótico que existe dentro de nós, e permitindo que esse poder oriente e ilumine nossas ações no mundo ao nosso redor, é que começamos a ser responsáveis por nós mesmas no sentido mais intenso. Pois conforme passamos a reconhecer nossos sentimentos mais profundos, é inevitável que passemos também a não mais nos satisfazer com o sofrimento e a autonegação, e com o torpor que frequentemente faz parecer que essas são as únicas alternativas na nossa sociedade. Nossos atos contra a opressão se tornam parte integral do nosso ser, motivado e empoderados desde dentro (Lorde, 2020, p. 73).

Essa metodologia que está sendo construída aos poucos, acredita, em seu princípio, no cuidado e no amor. bell hooks (2020a, p. 35) citando John Bradshaw em seu livro “Tudo sobre o amor”, defende que “acabar com o patriarcado é um passo em direção do amor (...) Mudanças profundas na forma como pensamos e agimos precisam acontecer se quisermos criar uma cultura baseada no amor”. Quando fizemos a separação entre mente e corpo também tiramos da produção de conhecimento o coração, ou seja, o amor, o desejo, a paixão e o tesão. Esses sentimentos estão intimamente ligados ao nosso corpo e a como nos relacionamos.

Apostar numa ciência que vem a partir do corpo e negar o dualismo corpo-mente, é uma forma também de ir contra o sistema capitalista e uma forma de lutar dentro da academia, porque como hooks (2013, p. 183) coloca: “Quando começamos a falar em sala de aula sobre

o corpo, sobre como vivemos no corpo, estamos automaticamente desafiando o modo como o poder se orquestrou nesse espaço institucionalizado em particular”.

Uma metodologia baseada nos conhecimentos de uma literatura feminista nos ensina que o corpo precisa estar presente na produção de saberes porque é a partir do mesmo que afetamos e podemos ser afetados. A dissertação fala de uma produção de conhecimento encarnada, ou seja, sem divisão entre mente e corpo.

Quando nos deparamos com uma metodologia que se coloca por trás de uma neutralidade, perdemos toda essa energia do erótico que Audre Lorde fala. Podemos também perder a conectividade entre o que pensamos, o que sentimos e como agimos. Uma metodologia focada no cuidado e no amor, leva em consideração a interdependência que existe entre os seres humanos, os seres vivos e o ambiente ao nosso redor. Devemos sempre estar atentos para praticar uma ética do cuidado para/com toda a existência, de dentro para fora e de fora para dentro. Aposto numa produção de conhecimento coletiva que se baseia na ideia de colônia entre nós, seres da mesma espécie e de mutualismo, com seres de outras espécies e com o ambiente ao nosso redor.

Não dependemos de cuidado porque somos incapazes, dependemos porque somos seres relacionais que precisam de afeto, cuidado e amor. Estou falando de uma ética do cuidado, independente do que se é:

uma ética feminista do cuidado que transcende à questão da deficiência, que nos alerta a respeito de nossa condição de **interdependência** e que reconhece o valor do cuidado como uma necessidade humana, implicando uma mudança política fundamental em torno de fronteiras sociais e ideológicas para que sejam compatíveis com a noção de justiça e de direitos humanos (Mello, 2012, p. 643. Grifo nosso).

Começo a escrever com o pé na porta. Essa metáfora diz de um corpo ansioso e com muita energia para começar. Escolho começar a escrever a partir de uma metáfora que põe a vista o meu corpo no momento. Neste capítulo pretendo trazer o corpo físico e o que eu entendo de corporeidade para podermos compreender como um tipo de corpo de mulher se encaixa - ou não - dentro da produção de conhecimento e verdades.

Usamos os órgãos dos sentidos para ter o nosso primeiro contato com os corpos. Olhamos os corpos biologicamente de início: suas aptidões estéticas e físicas, suas cores, suas marcas de pele, suas gorduras, suas gotículas de suor e maneiras de se posicionar de acordo com a gravidade. Quando me olho no espelho eu vejo uma mulher branca, magra, baixa,

jovem, com algumas marcas de espinhas em meu rosto, um cabelo liso curto e tatuagens pela pele. Não vejo marcas de trabalho duro, não vejo marcas de machucados graves. Com a fisicalidade do meu corpo, minha corporeidade sensível, como eu me sinto nesse corpo que sou eu, é formada, principalmente, de acordo com os olhos que me observam. Esses olhos me enxergam com desejo, repulsa, competitividade e certas expectativas. Esses olhos que são seus e meus e que internalizam uma certa imagem de como me portar no mundo. Como devo agir nesse corpo que eu sou para ser aceita?

Eu sou o meu corpo, e por ser mulher isso é muito mais fácil de compreender. Eu tenho um corpo visto, principalmente em pedaços. O meu corpo me faz ser uma mulher desejada ou objeto de repulsa. Posso ser um pedaço de mau caminho, ou uma santinha pela maneira que me porto e visto a minha pele. Como eu uso o meu corpo no dia a dia, as pessoas podem olhar para mim como uma mulher boa pra casar ou não. Pela fisicalidade do meu corpo e como ele é lido, eu pertencço de alguma forma nos moldes da nossa sociedade.

Desde muito pequenas as mulheres são ensinadas como devem se portar com os seus corpos e a ter medo deles, tendo que controlá-lo para a sociedade não olhá-los e categorizá-los como algo a ser domado, já que indisciplinado. Ou você possui um corpo já domesticado ou precisa domesticá-lo. O controle vem de todos os lados. Por muito tempo tive medo do que me ensinaram que era sujo em mim e incontrolável.

O mundo se fecha muito ao nosso redor. Me parece que as nossas vidas estão estabelecidas a partir do momento que nos olham e fazem com que nos entendamos como meninas e com o passar do tempo, mulheres. O nosso corpo, por essa lógica, segue um gráfico progressivo: nascemos, viramos crianças que não podem sentar de pernas abertas e não podem brincar de carrinho. Na adolescência somos ensinadas a ter medo dos nossos corpos enquanto os homens são incentivados a explorá-los. Na adultice, reproduzimos e produzimos para contribuir com o sistema, e quando não servimos mais, somos descartadas. Somos um corpo em uso por outros, somos objetos e o nosso destino não é nosso.

Por estarmos numa sociedade baseada na família nuclear heteronormativa, o pensamento acaba se fechando e nos vemos com comportamentos para que, no final, consigamos um marido para termos filhos. E para isso, precisamos nos cuidar e principalmente cuidar dos nossos corpos, porque afinal, nenhum homem vai querer uma mulher desleixada, sem jeito, com gorduras a mais ou a menos, ou muito musculosa, ou muito saidinha ou recatada demais... O foco da nossa criação não é o da educação, do pensamento, da crítica e da indagação. Somos vistas pelo o nosso corpo, do pescoço para baixo. Nossa decapitação é muito radical.

Até quando saímos de uma lógica heteronormativa, os afetos e desejos entre duas mulheres podem se dar através de competitividade e comparações. Não aprendemos a amar os nossos corpos e muito menos a amar o corpo de uma outra mulher, mesmo que haja nessa relação amor romântico. Fomos sempre ensinadas a estar em comparação, porque nunca podemos crescer e estar juntas, numa relação harmoniosa de comprometimento e companheirismo. Olhamos sempre para o que os nossos corpos não devem ser, o capitalismo se utiliza daquilo que queremos futuramente ter para compensar. Nós mulheres temos um corpo e ele é sempre insuficiente ou ruim.

Com o tempo e principalmente com o amor sapatão que crescia em mim a partir da minha relação com a minha noiva, fomos aprendendo juntas a nos olhar com mais cuidado e carinho. Aprendi a me olhar com mais amor, com mais satisfação também, pelo olhar do outro - mais especificamente de uma outra muito importante para mim - que me ensinou a internalizar pensamentos positivos de mim para mim. Faço o mesmo com ela e assim a gente vai crescendo não em competição, mas em uma comunidade entre nós.

Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras (hooks, 2018, p. 29).

Os homens são seres racionais e humanos. Seus corpos não são insuficientes, pelo contrário, seus corpos são inflados e servem para sustentar o seu ser: o cérebro. Os seus corpos são entendidos como universais, eles são lidos como humanos.

Fazemos uma aposta nesse trabalho de pensar uma outra forma de entender a racionalidade que não apenas como algo puramente mental e cerebral. A racionalidade vem de um corpo e ele precisa ser visto. Ana Claudia Monteiro (2020, p. 101) afirma o seguinte: “trata-se de afirmar que a racionalidade é apenas mais um modo de afetação, e não aquilo que nos faz alcançar uma realidade mais verdadeira”. Ou seja, aqui vemos a racionalidade a partir do corpo, a partir das experiências e afetações, não separando o corpo da mente.

Para o capitalismo, foi de extrema importância fazer essa separação entre o corpo e a mente, para criar assim, uma linguagem própria dos homens que seriam os seres superiores, já que mais racionais, e enquanto as mulheres, precisariam ser subjugadas por serem um corpo, e principalmente, um corpo que sente e que não tem controle.

Como Federici (2017, p. 278) fala: “o corpo passou a ser identificado com qualquer impedimento ao domínio da razão” e essa separação, como colocada no parágrafo acima serviu e ainda continua servindo para o sistema capitalista como uma ferramenta de controle e poder, que ela continua falando logo em seguida o quanto que corpo, proletariado, fraqueza, mulher e selvagem foram interligados nesse paradigma.

Isso significa que, enquanto o proletariado se converteu em “corpo”, o corpo se converteu em “proletariado” e, em particular, em sinônimo de fraqueza e irracionalidade (a “mulher em nós”, como dizia Hamlet), ou ainda em “selvagem” africano, definido puramente por sua função limitadora, isto é, por sua “alteridade” com respeito a razão, e tratado como um agente de subversão interna (Federici, 2017, p. 278-279).

Como Oyèronké Oyêwùmí (2021) coloca na citação abaixo, a história da humanidade ocidental é a história da racionalidade masculinizada. O corpo nesse entendimento é tido como um obstáculo, como mais uma variável que não se pode controlar e por conta disso, deve ser excluída ou neutralizada.

(...) até recentemente, a história das sociedades ocidentais tem sido apresentada como uma documentação do pensamento racional em que as ideias são enquadradas como agentes da história. Se os corpos aparecem, eles são articulados como o lado degradado da natureza humana. O foco preferido tem sido a mente, elevada acima das fraquezas da carne. No início do discurso ocidental, surgiu uma oposição binária entre o corpo e a mente. O tão falado dualismo cartesiano era apenas uma afirmação de uma tradição na qual o corpo era visto como uma armadilha da qual qualquer pessoa racional deveria escapar. Ironicamente, mesmo quando o corpo permaneceu no centro das categorias e discursos sociopolíticos, muitas das pessoas que pensaram sobre isso negaram sua existência para certas categorias de pessoas, mais notavelmente elas mesmas. A ‘ausência de corpo’ tem sido uma precondição do pensamento racional. Mulheres, povos primitivos, judeus, africanos, pobres e todas aquelas pessoas que foram qualificadas com o rótulo de ‘diferente’, em épocas históricas variadas, foram consideradas como corporalizadas, dominadas, portanto, pelo instinto e pelo afeto, estando a razão longe delas. Elas são o Outro, e o Outro é um corpo (Oyêwùmí, 2021, p. 29-30).

Há uma certa política para a invisibilização dos corpos, ou melhor, de alguns corpos. Os corpos humanos são mostrados já que são os dominantes, enquanto os corpos dos *outros* devem ser escondidos já que são corpos desumanizados. **Entendo que agora temos que fazer ver a ciência dos outros, daqueles que possuem um corpo não desejado ou que incomoda.** A corporeidade é o que nos faz ser quem somos. A ciência nos ensina a não nos vermos, já que olhar para si, para as nossas marcas é entendido como um comportamento enfraquecido.

Olhar também para o que é sentido no corpo é entendido como fragilidade:

Colocar as emoções no lugar da passividade é também fazê-las submissas e, com tal submissão, carregar todos aqueles que delas se aproximam: mulheres, crianças, negros, loucos, pessoas LGBTQ+ e todos que possam se aproximar das emoções devem ser geridos pelos mais racionais, diga-se, homens, brancos, adultos, racionais, héteros e cisgêneros (Monteiro, 2020, p. 132).

Numa literatura feminista as marcas são essenciais, principalmente se for baseado no feminismo interseccional. As marcas fazem parte daquilo que somos e consequentemente não podem ficar de fora (e mesmo querendo, não ficam de fora) da produção de conhecimento, verdade e de mundo. Sempre que escrevemos algo, a nossa vivência e como vivemos é também, de certa forma, escrita no papel. Por isso, essa escrita sempre se dá de forma encarnada, sensível e política.

O corpo sensível é invisibilizado porque para a civilização, esse corpo dos afetos não é produtivo, e a produção no mundo capitalista é tudo que tem de mais sagrado. Esse corpo dos afetos chora, sente dor e sono, e isso é inviável no âmbito mercantilista. O que esquecemos, muita das vezes, é que esse corpo que chora, sente dor e sono também é o corpo da excitação, da alegria e do ânimo, mas essas sensações em exagero também não são queridas pelos mesmos motivos. A alegria/saúde exacerbada também não vendem⁸. Querem corpos dóceis e obedientes, e por conta disso, a sensibilidade de ir de/para encontro com o mundo é negada.

Essa foto abaixo foi retirada de uma parte do filme do “The Wall” dirigido por Alan Parker (1982), que é uma adaptação do álbum, lançado em, 1979, do Pink Floyd com o mesmo nome. Nela, nitidamente temos uma crítica ao modo como somos, literalmente, modelados pelas instituições capitalistas patriarcais que para servirem ao seu propósito, moem nossas singularidades para que nossos corpos sejam transformados apenas em uma grande massa de modelar ao seu grande propósito, que é a perpetuação do sistema usando nossas forças de produção.

⁸ Moro em um bairro de classe média onde em cada esquina se encontra uma farmácia. Isso nos diz do crescimento exagerado do comércio de medicamentos e o quanto a indústria lucra com o sofrimento/adoecimento da sociedade.

FIGURA 1: Corpos docilizados pelo capitalismo patriarcal



Fonte: THE Wall. Direção: Alan Parker. Produção: Alan Marshall. Roteiro: Roger Waters.
Manaus: Sonopress, 1982. 1 DVD (95 min), NTSC, son., color.

Descrição da figura: Nessa imagem temos no primeiro plano uma escola que no seu telhado tem um funil onde várias crianças estão sendo colocadas e demonstrando medo por um senhor caricatural gigante de uniforme, com medalhas em seu peito e um monóculo. Ele está com uma cara maléfica como se tivesse soltando um riso amedrontador. As crianças estão sendo colocadas no funil e ao lado da escola, estão saindo como se fosse em um moedor de carne e os seus corpos singulares se transformaram em apenas uma massa uniforme.

Na filosofia mecanicista se percebe um novo espírito burguês, que calcula, classifica, faz distinções e degrada o corpo só para racionalizar suas faculdades, o que aponta não apenas para a intensificação de sua sujeição, mas também para maximização de sua utilidade social. Longe de renunciar o corpo, os teóricos mecanicistas tratavam de conceituá-lo, de tal forma que suas operações se fizessem inteligíveis e controláveis (Federici, 2017, p. 252).

Só percebemos o nosso corpo quando precisamos controlá-lo para voltar ao que a nossa sociedade considera como normal. Precisamos neutralizar, o normal é não sentir. Só olhamos para ele, quando fica doente e por isso precisamos de um especialista para fazer com que ele volte a ser saudável, ou quando sai do que consideramos esteticamente aceito e para isso recorremos aos especialistas em nós, principalmente nas redes sociais, para nos indicar *sutilmente* e nos controlar ao que é padronizado.

Uma outra forma de olhar para os corpos, que também é um olhar desconfortável, é quando esse corpo foge do que chamamos de corponormatividade. Uma pessoa com deficiência, por conta do seu corpo, também é vista, mas esse olhar envolve sempre um desconforto, inferioridade e uma certa infantilidade, no sentido de não serem vistos como pessoas capazes de fazer suas coisas com autonomia. Esses *outros* que não são *eu* possuem um organismo, o *eu* possui algo que pode ser não visto. O capacitismo é outro tipo de violência que também é reproduzido academicamente e biologicamente, já que pessoas com deficiência são entendidas como pessoas que são pesquisadas, e não podem ser vistas como produtoras de saberes.

Nessa metodologia que defendo, construindo para além dos universalismos e das violências e opressões do patriarcado ao corpo, não poderia deixar de lado a afirmativa da teoria *crip* e seu axioma:

Do mesmo modo como ocorre com o termo *queer* para se referir hegemonicamente àqueles que rompem com as normas de gênero e sexualidade, a terminologia *crip*, tal como o seu equivalente em português, tem uma conotação assumidamente agressiva, pejorativa e subversiva, a fim de marcar o compromisso *crip* em desenvolver uma analítica da normalização do corpo contra todos aqueles que fogem dos padrões corporais/funcionais e cognitivos, inspirando-se, igualmente, nos trabalhos de Michel Foucault, Jacques Derrida, Judith Butler e tantos outros desconstrucionistas para desenvolver sua crítica aos sistemas de opressão marcados pelo patriarcado, pela heterossexualidade compulsória e pela corponormatividade compulsória (Mello, 2016, p. 326).

Sempre sofri ao menstruar. Os primeiros meses foram devastadores. Eu com treze anos, passava dias deitada na cama, me contorcendo porque nenhum remédio poderia me ajudar. Tinha tonturas, passava mal e vomitava até bile quando não tinha nada no estômago. Quase desmaiava e parecia que o meu corpo não aceitava o que estava passando por/com ele.

Sentia muita dor, mas todas as mulheres que me rondavam, inclusive minha ginecologista da época, falavam que essas dores eram normais, que toda mulher sentia e que eu deveria me acostumar com isso. Me acostumei e dava graças a Deus porque por mais que eu sentisse muitas dores, o meu fluxo não era tão alto e não manchava meus uniformes quando tinha que ir para a escola. Tomava analgésicos e chás e conseguia passar os dias assim, com dor, mas nem tanto.

Me acostumei a reclamar das dores e a reclamar da minha menstruação. “Por que toda mulher tem que sentir tanta dor todo mês?” Me questionava sempre, odiando passar por aquilo que me deixava tonta e suando frio deitada no sofá tentando achar uma posição confortável. No Rio de Janeiro faz muito calor, mas eu preferia suar de calor do que de dor. Independente da temperatura, eu tinha que fazer uma bolsa de água quente e me cobrir com o mais grosso dos edredons para a dor diminuir. Minha menstruação durava uma semana e os três primeiros dias eu queria não existir no corpo que era eu.

Fui aprendendo a não querer ser eu mesma e odiar ser mulher. Lembro que falava e ouvia também as minhas amigas ao redor falando que prefeririam ter nascido homem. Eu até entendo esse pensamento, já que ser homem, principalmente se você for um homem branco, é o mais alto dos privilégios. Eu entendo também esse tipo de pensamento porque nos odiando, perdemos nossa força e deixamos de lutar por nós. Somos ensinadas a criar relações baseadas no ódio e não no amor. O ódio nos enfraquece e não nos permite coletivizar.

Depois de quinze anos de dores ao menstruar, descobri que não é normal sentir tanta dor assim. Em um exame de rotina - que eu estava apavorada para fazer porque sempre senti muito medo do meu corpo - descobri um endometrioma de sete centímetros no meu ovário e vários outros pelo meu corpo inteiro, inclusive na caixa torácica. A primeira reação que tive foi a de me odiar mais ainda e me culpar por não ter feito um exame como esse antes. A culpabilização cristã veio com força e acredito que não só eu passo por esses sentimentos. A reação quando a médica falou que era uma situação cirúrgica, foi a de morte. Não queria passar por aquilo, por uma coisa que o meu corpo mesmo criou que eu iria precisar tirar. Queria que me abrissem logo e arrancarem de mim tudo o que me identificasse como mulher. Tira de mim meus ovários, o útero, meus pensamentos, os olhares, os saberes que me fazem ser mulher. Não quero isso pra mim, não queria essa responsabilidade e esse desgosto...

Ainda estou no caminho de me tratar com mais carinho. Um ponto importante para mim foi o cuidado que comecei a ter quando conheci o problema principal das minhas dores. Depois da cirurgia, pareceu mesmo que algo foi arrancado de mim. Simbolicamente me olhei

com mais cuidado e o ódio saiu, dando espaço para os meus órgãos e sensação de pertencimento se estabelecerem dentro de mim.

Hoje consigo olhar para as minhas cicatrizes e acarinhá-las. Essa sou eu. Qual a relação que quero ter com o meu corpo? Vou a cada dia tentando construir uma relação não violenta comigo mesma, me permitindo amar e ser amada.

“Vou repetir: nada pode ser mais perigoso para um corpo do que o acordo social em torno da periculosidade desse corpo” (Ahmed, 2022, p. 230). Quando a sociedade nos impõe que nossos corpos são perigosos e devem ser o tempo todo controlados, de fato, introjetamos isso em nossas subjetividades e com isso queremos esquecer da existência dos mesmos, principalmente pelo fato deles serem um *atraso* e *atrapalharem* o nosso raciocínio e consequentemente a nossa experiência de ser superior inteligente. Muito é esquecido do desenvolvimento da nossa espécie: Nossa capacidade de ficarmos eretos, nossa capacidade de usar ferramentas, nossa capacidade de domar o fogo foram adquiridas através do nosso corpo e isso foi amadurecendo o nosso cérebro e sapiência. Querem neutralizar a história da mente fazendo uma decapitação de seu corpo. A história da nossa inteligência deve ser a história também dos nossos afetos e como experienciamos o mundo.

No nível da produção intelectual, devemos reconhecer que as teorias não são ferramentas mecânicas; elas afetam (e alguém dirá, determinam) como pensamos, sobre quem pensamos, o que pensamos e quem pensa conosco. Às vezes quem investiga parece esquecer que as ferramentas intelectuais estruturam a pesquisa e o pensamento (Oyêwùmí, 2021, p. 57).

Vivemos numa época onde a mente e o raciocínio são as principais preocupações. Ainda vamos passar por um processo árduo para entender que nós não temos um corpo, mas somos um corpo. Na verdade, também de acordo com Oyewumi, o pensamento Ocidental é completamente enraizado no corpo e em toda lógica que isso envolve, porém, lutamos com todas as forças para esconder essa bio-lógica. “Uma vez que seus mecanismos foram desconstruídos e ele próprio foi reduzido a ferramenta, o corpo pôde ser aberto à manipulação infinita de seus poderes e de suas possibilidades” (Federici, 2017 p. 253).

Nessa dissertação defendemos a inscrição do corpo com suas marcas e que deixa pegadas no tempo e no espaço. Faço uma pequena história do corpo político/crítico e o seu desaparecimento - podendo entender melhor como um corpo escondido e odiado. Tornar-se

uma garota na sociedade onde vivemos é aprender a esconder o seu corpo ou mostrar apenas partes dele quando requisitada.

Falo de corpo principalmente porque para uma metodologia feminista que leva em consideração o cuidado com o pensar, o sentir e o agir, o corpo é fundamental. Como escrevi na introdução: essas palavras que escrevo, elas vêm de um pensamento, mas de um pensamento que foi experienciado e encarnado no corpo. As palavras são uma extensão do que sinto e de como ajo no mundo e reciprocamente.

Se queremos falar sobre a metodologia das pesquisas científicas não podemos ignorar que o campo das pesquisas é constituído por muitos atores, humanos e não humanos, e o corpo do pesquisador compõe esse plano. Ele afeta e é afetado, ele interfere, hesita, faz perguntas e também é questionado. É no exercício de se tecer uma maneira de estar com o outro que vemos a metodologia da pesquisa se fazendo (Quadros *et al*, 2016, p. 187).

Quando nos ensinam a enxergar somente o corpo como objeto e como algo mecânico tiram de nós a possibilidade de sentir, de ser uma *mulher histérica* - hysteron, doença que vem do útero, como a endometriose que me acomete. Às vezes eu quero ser uma mulher histérica, quero sentir a partir do meu útero, quero ser uma mulher que sente com intensidade e se move a partir dos afetos. Tiram o nosso organismo de nós, e nos dizem que não podemos sangrar, não podemos suar nem chorar. O corpo da mulher tem que ser neutralizado e organizado, entrando no sistema capitalista de poder. Não é nesse sistema de poder que acredito.

Qual tipo de poder que desejo? Meu corpo de mulher sempre foi mais flexível do que forte. Quero sim conseguir fortalecer meus músculos e conseguir me sustentar com menos dores, mas ainda quero o poder da adaptação e até um pouco da resiliência. O poder que eu mais quero cultivar é o da resistência que vem a partir do amor e do cuidado. Falarei mais nos próximos capítulos sobre a relação saber/poder, mas acho importante, aqui, fazer uma abertura de caminho por onde quero caminhar.

Existe uma estrutura de poder que é o “poder do rei” - biopolítica/ fazer viver e deixar morrer - uma forma de saber poder neutra, individualizante, rígida, incorpórea e representacional, colonial, combativa e normativa. “Como a maioria dos homens, a maioria das mulheres é ensinada desde a infância a crer que dominar e controlar outras pessoas é a expressão básica de poder” (hooks, 2020b, p. 134).

Desejo dar visibilidade a uma forma de saber poder feminista, ou seja, à um poder compartilhado, corpóreo, afetivo e criador de mundos potentes. As mulheres lésbicas me ajudam a pensar nessa forma de fazer ciência. Quando penso no sexo entre duas mulheres, o

mundo fálico e focado na penetração já não faz mais sentido. O sexo entre duas mulheres, envolve cuidado, corpo, compartilhamento, descobertas e uma não sobreposição de um ser ativo e outro passivo. Pensando assim, Adriana Azevedo me permite pensar numa ciência do cuidado, do amor e do encontro como atrito potente.

Quando o sexo lésbico se afirma como sexo, como potência sexual e de prazer, faz com que seja preciso pensar através de outra perspectiva de mundo. É possível pensar nesse corpo-atritável, ou um corpo-friccionador. Roçar os corpos, na produção de um *entre*. O 'atritar' é uma outra economia, que pensa a superfície da pele em sua totalidade como uma dimensão erótica, para além da centralidade do genital - o próprio corpo da mulher como esse corpo-atritável, como produtor de um prazer do atrito (Azevedo, 2020, p. 308).

A partir dessas palavras, acredito no poder de uma metodologia feminista-atritável. O corpo se encontra aqui como um território que abre possibilidades de sentimentos. Acredito na produção de conhecimento e de verdades que estão nesse entre. É um conhecimento do pensar e/ou do sentir e/ou do agir. É uma produção que é pessoal e política enquanto é coletiva e singular. É uma produção que se encontra no limiar e faz dessa encruzilhada o seu lugar.

Capítulo 2 – Como falar de cuidado na produção de conhecimento?

Escrever sobre cuidado é algo muito delicado. Vemos, principalmente na academia, muito a se dizer sobre cuidar/ser cuidado na teoria, mas na prática não é o que sentimos. Como estudante de psicologia na graduação, muita das vezes me senti solitária, sem contorno e sem estrutura para seguir com a formação, o que é irônico principalmente dentro do instituto de Psicologia ou de qualquer área da saúde, já que o intuito principal é aprender a cuidar no seu sentido mais amplo e com suas singularidades em cada área.

A presença dentro da faculdade e o processo de produção acadêmica podem ser procedimentos de muita dureza que envolvem muitas tensões e acho justo colocar aqui minhas ferramentas de cuidado que encontro (ou me encontraram), que me dão contorno e me ajudam a construir uma cadência que me auxilia na criação acadêmica.

Depois de um encontro com uma amiga, percebi que encontros como aqueles me dariam mais acalento. Tento me relacionar muito, tento trocar o máximo possível. Agora eu falo e falo, buscando me ouvir, me sensibilizar com aquilo que pesquiso e como o que pesquiso, ou como o pesquisar pulsa em minha pele. Busco, sim, ajuda, mas no sentido de buscar colo, lugar de conforto que agrega o escrever. Quando a procurei, fui jogando para cima dela pedidos urgentes de ajuda relacionados a referências de autoras que poderiam me ajudar, ou implorando que ela lesse os meus escritos a fim de me dar comentários e críticas que pudessem me fazer escrever cada vez mais e ler ao infinito.

Simplemente, ela me fez uma intervenção: “Mas como você está se sentindo no seu processo de escrita? Talvez eu não consiga te ajudar nesses pedidos, mas, posso cuidar da pessoa que escreve. Ouvir, me disponibilizar a estar presente e ser colo.”

Minha amiga entendeu antes de mim a proposta do que estava escrevendo. Ela leu a minha prática e não a minha teoria.

Sou grata a você Bárbara, obrigada.

O seu cuidado faz parte da minha escrita agora.

“Care makes space for what is *not* possible” (Mol, 2008, p. 22).

(O cuidado produz espaço para o que *não* é possível).

Como psicóloga, atuo como profissional da saúde e conseqüentemente meu trabalho é com o cuidado e com o acompanhamento da saúde mental dos meus pacientes. Na clínica caminho junto do paciente, ouvindo suas questões e fazendo intervenções possíveis para que ele mesmo consiga aos poucos, ver seus problemas com outros olhos. Acredito muito nesse caminhar junto, nesse fazer histórias em conjunto confiando no ato de dar as mãos.

Como pesquisadora, vejo uma problemática surgir no campo dos saberes. Olho para isso e caminho junto. Como falar de cuidado na produção de conhecimento? Quero pesquisar, olhar atentamente, reparar, processar, sentir e afetar-me. Me deparo com as questões que perpassam e vão sendo vistas no modo masculinista de produção de ciência e conhecimento. Reflito sobre, converso com as minhas, e tento pensar em como cuidar dessas questões e estabelecer um campo de embate, porém sem violência. Como falar de uma metodologia diferente das mais visíveis, uma metodologia feminista sem ser inquisidora?

Aposto aqui em uma ética do cuidado e do amor. Ética: modo de viver com certas diretrizes. Como falar sobre ética? Em seu livro intitulado “*The logic of care: Health and the problem of Patient Choice*” Annemarie Mol (2008) escolhe a palavra lógica para defender a sua ideia de cuidado. Eu escolho a palavra ética. Não sei se na prática esse jogo de palavras entre lógica e ética fazem alguma diferença, porque o conceito que ela usa é bem semelhante ao que defendo, mas ainda assim, gosto de usar a *ética do cuidado*. A ética diz de um processo, de um caminhar com ideias e seguir agindo a partir delas. É dessa forma que pontuo o meu trabalho. Defendo uma vida a partir de uma ética do cuidado.

Cuidado é um processo: não tem os seus limites bem estabelecidos. É uma abertura sem fim. Não é em relação ao tamanho; não significa que um processo cuidadoso é maior, mais abrangente do que os dispositivos e atividades que são parte dele. Ao invés, é uma questão de tempo. O cuidado não é (pequeno ou grande) um produto que vai de mão em mão, mas é uma

questão de várias mãos trabalhando juntas (com o tempo) para um resultado. Cuidado não é uma transação que algo é trocado (um produto por um preço); mas uma interação na qual a ação fica indo e voltando (num processo contínuo)⁹ (Mol, 2008, p. 18, tradução nossa).

Em uma entrevista feita com Eva Feder Kittay, as entrevistadoras Marivete Gesser e Helena Fietz (2021) a perguntam o que seria uma ética do cuidado e o que ela responde, ficou muito em meus pensamentos: **uma ética do cuidado é perceber que o mundo é dependente**. O mundo é formado pelas suas ligações e relações e como agimos a partir delas. Ao invés de pensar uma vida baseada na independência e na individualidade, é pensar viver uma vida caminhando em conjunto, fazendo interdependências com outros e com o ambiente.

Falar de uma proposta de metodologia que se baseia no cuidado, é, como colocado na introdução do trabalho, **trabalhar com a escuta e com as sutilezas que se encontram no fazer pesquisa na academia**. É muito fácil cairmos na armadilha de produção e apenas criar por criar teorias... Mas quando estamos seguindo uma metodologia que se faz no “pesquisarCOM”, a criação vai para muito além do papel, porque ela transborda as páginas já que o foco é nos afetos que perpassam as palavras. A produção de verdades cria vida e modos pensantes.

Pensar esse lugar de escuta e observação que acompanha e abre espaços-tempos é pensar numa ética de pesquisa, na qual não há um que detém o saber e outro que lhe serve de objeto, mas uma rede de modos interessantes. E para acompanhá-los, é fundamental se interessar, e isso demanda uma atenção para o mundo com aberturas de perceber e ouvir (Quadros *et al*, 2016, p. 189-190).

Fazer pesquisa a partir de uma ética do cuidado, é fazer pesquisa a partir dos afetos que rodeiam a pesquisa. É estar atento, é estar presente com todo o corpo. É entender as implicações e estar no meio do ato de pesquisar. Não é apenas fazer uma pesquisa, é continuar no fluxo do ir fazendo. Pesquisar é se pesquisar. Pesquisar é sempre estar em gerúndio: pesquisando...

⁹ No original: “Care is a process: it does not have clear boundaries. It is open-ended. This is not a matter of size; it does not mean that a care process is larger, more encompassing, than the devices and activities that are a part of it. Instead, it is a matter of time. For care is not a (small or large) product that changes hands, but a matter of various hands working together (over time) towards a result. Care is not a transaction in which something is exchanged (a product against a price); but an interaction in which the action goes back and forth (in an ongoing process).”

Márcia Moraes (2022) que é uma autora muito importante na criação do *pesquisarCOM*, explica de maneira gramatical o significado da preposição e o sentido que o conceito implica:

“A preposição COM, na língua portuguesa, indica um modo de ligação: ir na direção de, em companhia de, junto de. É interessante seguir esse sentido, inicialmente, gramatical. Fazer pesquisa com os outros e não sobre os outros é uma afirmação ética de estar junto de, em companhia de.” (PesquisarCOM (pp.22). Nau Editora. Edição do Kindle.)

Seguimos então a partir dessa ética na dissertação, defendendo o modo de seguir juntos nos interligando. Nos interligamos entre si, mas ao mesmo tempo interligamos na feitura de uma pesquisa toda sua contextualização e toda o que ela poderá produzir no mundo.

Quando pesquisamos elaboramos uma história (um conceito, um pensamento, uma verdade) e para isso precisamos pensar em como transmitimos essa história para que a criação não morra ali. Para a criação de uma história é preciso que em se tenha uma base bem contada e territorializada. Uma história vem de outra história. Uma metodologia de pesquisa que tem sua força no cuidado, se preocupa com a sua base, com as suas raízes, ao mesmo tempo que pensa nas reverberações da sua criação. *PesquisarCOM* é estar no meio, no entre. É ser criador de histórias, mas ao mesmo tempo ser criado por ela. **O cuidado está nisso: sempre estar em relação, implicação.**

As histórias que são criadas nas pesquisas não vêm apenas de um mundo das ideias, mas elas vêm encarnadas de afetos. As histórias já são em sua base marcadas pelas singularidades daquelas que a criam, formando um ciclo sem fim de afetações.

Assim, pesquisar, mais do que significar um olhar de longe, de sobrevoo, envolve relacionais sempre heterogêneas; é um estar e compor com muito/as. É preciso dizer isso com todas as letras, sem subterfúgios. *PesquisarCOM* é tornar-se COM, é envolver-se em relacionais que nos transformam, todos e todas que se colocam no encontro (Alves, 2021) Não se trata nem de acompanhar processos, nem de cartografar relações. Trata-se de compor com e há nisso singularidades que precisam ser sublinhadas (Quadros *et al*, 2016, p. 22-23).

Um dos pontos mais importantes nesse capítulo é mostrar o quanto que para produzirmos conhecimento, precisamos produzir nos preocupando não só com o significante e o significado daquilo, mas também com as condições, consequências e afetos que perpassam aquela criação. A preocupação aqui não é teórica e não necessariamente é uma preocupação

que envolve uma angústia controladora, mas, sim, é uma preocupação que no seu cerne está o cuidado com os caminhos que, o que se cria, irá percorrer (ou não).

Discuto sobre o cuidado mas escrevo também com cuidado. Acredito na importância do trabalho. Muito se passa dentro do mundo acadêmico e venho aqui escrever um pouco sobre isso também. Meu cuidado metodológico vem a partir de vivências que perpassaram meu corpo na graduação e que não foram experiências muito agradáveis, pois mostraram o meu lugar na hierarquia masculinista do saber. Não só trago esse cuidado para me acolher, mas da mesma forma, falar das vivências dos corpos invisibilizados que estão fazendo o seu trabalho no sistema acadêmico. Corpos de mulheres, mulheres que não performatizam feminilidade, sáficas, corpos com deficiência, corpos pretos e todas as interseccionalidades que se fazem com essas marcas.

Um perigo que podemos cometer: lemos cuidado e já pensamos em amor como uma afetação calorosa e aconchegante, porém o amor pode vir através de cortes necessários, momentos raivosos e até muito dolorosos e odiosos que se passam nas vivências principalmente dessas pessoas que não são incentivadas a estar dentro da produção acadêmica. Como falar então de uma produção de conhecimento que vem a partir de uma ética do cuidado, principalmente se quem conhece é uma pessoa dissidente? É aí que está o paradoxo. O amor pode existir vindo de um processo que gerou ódio e dor.

Para falar um pouco mais sobre esse conceito de cuidado que mantém o meu texto, chamo Rosana Paulino para ajudar a exemplificá-lo e, assim, com as suas obras, conceituar de forma mais concreta:

FIGURA 3 – assentamento



Fonte: NIX, Alexandre. Entre assentar e refazer-se. Uncool Artist, 2020. Disponível em:

<https://uncoolartist.com/entre-assentar-e-refazer-se/>

Descrição da figura: nesta figura temos 3 peças em tecido de tamanho real onde vemos uma foto de uma mulher negra nua escravizada. Na primeira peça ela está de lado e temos costurado em seu ventre uma imagem de um feto em um útero com linha preta e uma linha vermelha que escorre pela sua perna... Na segunda peça, ela está de frente e temos costurado em seu peito esquerdo a imagem de um coração em linhas pretas e vermelhas e também temos uma linha vermelha que escorre dessa imagem para o seu torso. Na terceira imagem essa mesma mulher se encontra de costas e temos costurado em seus pés raízes em preto e vermelho com linhas vermelhas escorrendo para a parte inferior da peça, saindo do tecido. Todas as peças são feitas de tecido e a sua estrutura não é feita de tecidos íntegros. A mulher da foto está em pedaços que foram costurados com uma linha preta também de forma que os pedaços do corpo dela não ficaram exatamente no lugar certo, dando uma ideia maior para os pedaços e não para o todo.

Ao fazer obras que nos fazem refletir e nos afetam muito, Rosana Paulino fala sobre o processo de escravidão sofrido pelo povo africano que veio para o Brasil. As pessoas

escravizadas perderam suas vidas, autonomia, noção de territorialidade, comunidade e foram subjugadas a objetos de troca.

Em um vídeo feito em 2016, Rosana dá um depoimento falando um pouco mais sobre o processo de feitura da sua obra aqui colocada acima chamada *Assentamento*. Ela diz o seguinte:

Quando eu estava fazendo uma obra chamada *Assentamento*, me interessava muito a questão do trauma. Eu estava pensando nas pessoas que foram retiradas do seu ambiente, dos escravizados, das escravizadas que vieram para o Brasil. (...) Existe um trauma aí. Eu pensei: Como é que eu faço para dar ideia deste trauma? Como que eu faço para lidar com esta questão de um refazimento num país estranho, numa cultura estranha e um refazimento num local completamente desconhecido e diante, ainda por cima, da escravidão? A solução que eu encontrei foi fazer uma imagem, de uma peça que tem a imagem de uma escravizada, eu fiz em tamanho natural e recortei em partes diferentes e recosturei essa imagem. Só que a costura não fecha, a costura fica sempre com pequenas diferenças. Foi a maneira de eu mostrar o trauma dessa separação, da violência desse sequestro. Não é possível um refazimento completo. Tem sempre um trauma (Itaú, 2016).

A obra de Rosana Paulino é forte e impactante. Fala de um cuidado com as pessoas que foram escravizadas, trazidas contra sua vontade para um território desconhecido, onde tiveram que abandonar seu viver e sua cultura. A obra, de certa forma, fala da história da população negra do Brasil e repara na dor, tentando trazer um contorno para isso. Esse cuidado em forma de arte veio de sentimentos que não estão no lugar do amor e do carinho. Rosana, como uma mulher negra, e como em outras obras, e entrevistas, fala da sensação de falta de conhecimento sobre a ancestralidade do povo negro do Brasil e isso vem com revolta, tristeza, raiva e dor...

A ética do cuidado que defendo é baseada na preocupação e na reparação. Reparação: parar novamente e agir. O agir, a ideia de ligação entre a teoria e a prática está no cerne de uma produção de conhecimento que cuida das consequências daquela verdade que está sendo criada.

A escolha de escrita deste trabalho é formulada a partir de quebras e reticências e não é por acaso. A estética do trabalho é cuidadosa porque acredito que também nas marcas, dos cortes, nos blocos, tem uma potência e uma urgência. **O cuidado é também uma reparação: colocar de volta as afetações no lugar onde elas nunca deveriam ter saído.** Acredito que o meu trabalho também fala sobre isso. Para falar sobre as quebras e as costuras que se fazem presentes, chamo Rosana Paulino como artista parceira. É claro que essas quebras de que Rosana fala, eu nunca entenderei como uma mulher branca, esse tipo de trauma eu não sofri e

nunca sofrerei, mas gosto da ideia de reparação pela costura, e pedindo licença, escrevo a partir dessa ideia.

A escrita é de reparação para estabelecer produções de subjetividades que se fazem no entre, naquilo que a costura nos faz olhar, para os becos, para os blocos que não seguem necessariamente um caminho contínuo, mas faz ter o seu sentido ser produzido aos poucos, numa espécie de recorte e cola, uma arte de colagem.

Uma outra aposta metodológica que faço neste trabalho é a escolha da cor vermelha para chamar atenção de algumas partes do meu texto. A cor vermelha fala comigo de diversas formas. Vermelho é a cor do nosso sangue, vermelho é a cor do amor e da raiva. Vermelho é a cor que grita. Algumas palavras são tão urgentes que elas precisam ter mais ênfase, e juntando-as a leitora consegue ter uma noção resumida do que estou propondo no tecer dessa dissertação. É desta forma que o meu pensamento flui, é desta forma que sinto e escrevo.

Gloria Anzaldúa (2021), em seus escritos, escreve a partir de uma metodologia da auto-história, que ao mesmo tempo que conta sua história, conta a história das mulheres que coalizam com ela. Faço um pouco disso aqui também pois acredito que vida e escrita não são pólos separados. Gloria Anzaldúa escreve para as latinas, para as mulheres de cor, para as mulheres lésbicas, ao mesmo tempo que escreve para si e cria mundos com suas propostas de texto e de escrita. Em sua tese de doutorado, Carlos Figueiredo (2017, p. 118) afirma: “Analisa-se a obra *Borderlands* como uma espécie de direito ao grito das mulheres latinas em uma cultura totalmente opressora. Ou seja, o direito ao grito de Anzaldúa se dá por meio de sua auto-história que reflete a história de muitas outras mulheres chicanas e latinas como ela”. Neste trabalho, considero que escrevo também pelo grito, pelas mulheres escritoras e pesquisadoras dentro das universidades.

Ao mesmo tempo que Gloria Anzaldúa conta sua história, ela cria poesias, prosas poéticas e conceitos, pensamentos, reflexões e vida. Esta dissertação acredita nessas junções, na potência dos encontros e dessa criação de mundo que não separa, mas que produz misturas possíveis para a criação de um lugar mais aberto e acolhedor para as diferenças.

É de uma academia assim que gostaria de participar quando for para a magistrado. Em uma instituição menos institucionalizada e mais livre, acolhendo corpos que pensam, sentem, afetam e são afetados das mais variadas formas. Este é o cuidado e a reparação que proponho neste trabalho.

No primeiro capítulo fiz questão de falar sobre o corpo porquê dessa forma já nos inscrevemos e mergulhamos integralmente na invenção de mundos. Criamos uma **escrita corporificada**, ao mesmo tempo que escrevemos o corpo com significados e novas formas de pensar, sentir e agir no mundo. Dessa forma, **aquilo que se produz é uma construção de si, de subjetividade, de coletividade, de verdade e de mundos possíveis.**

Aqui, chamo Donna Haraway (1995) para me ajudar na composição dessa ideia: quando falamos sobre a construção de uma metodologia feminista do corpo para o mundo, falamos de uma construção que tem um território e um lugar. Falar a partir de um lugar, não necessariamente significa falar apenas de forma racionalizada, mas sim, a partir das marcas que perpassam um corpo enraizado em seu contexto ontológico e social. Em seu texto “Saberes Localizados”, a autora chama isso de **Objetividade Feminista**, que vai de encontro com a objetividade neutra da metodologia patriarcal e masculinista. Ela diz: "Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados" (Haraway, 1995., p.18).

O trabalho de uma acadêmica que segue uma metodologia feminista é, de dentro pra fora, cuidar da produção de verdades que irão moldar as subjetividades que, conseqüentemente, moldarão o mundo ao redor. Fazer ciência a partir da ética do cuidado e com amor é sobre se relacionar com o mundo de forma mais responsável.

Marcia Moraes (*apud* Quadros *et al*, 2016) propõe o **pesquisarCOM** que diz o quanto é importante pesquisar dentro do campo do mundo e não acima dele. Uma metodologia feminista é criada a partir da ética do cuidado e do amor porque não fala sobre, mas matem um diálogo, afetando e sendo afetado pelo conhecimento que age no mundo.

Considerando que as práticas são performativas, que elas “fazem existir realidades que não estavam dadas antes e que não existem em nenhum outro lugar senão nestas e por estas práticas” (Moraes, 2010, p. 35), a pesquisa tornasse um espaço vivo de conhecerCOM o outro e não sobre o outro. Essa diretriz nos exige outras formas de abordagem em nossos campos de pesquisa (Quadros *et al*, 2016, p. 5).

Encontro com las brujas: alquimia de cuidado.

(processo da qualificação - cuidando com dureza e carinho na medida certa.)

*Tenho muito medo de críticas e elas me entristecem normalmente.
 Receber críticas é estar vulnerável e estar presente enquanto observam de perto os seus
 erros, buracos, escorregões... Esse processo é doloroso.
 Mas ele pode ser envolto de cuidado?
 Participei de uma sessão de bruxaria.
 Convoquei las brujas mais velhas para participarem do meu caldeirão de palavras.
 A gente dançou juntas, construindo diálogos entre risos e ditos sérios.
 Os círculos circulavam enquanto transmitíamos alquimias de pensamentos, conhecimento,
 afetos...
 Senti o choro na garganta por costume mas costurei um novo sentido
 Me senti construindo juntas
 O cuidado é firme e duro.
 Ele acolhe aperta grita ama e dói
 Me senti cuidada e assistida por las brujas
 Ao mesmo tempo que escuto e aprendo
 Elas se escutam e aprendem juntas e comigo, comigo e juntas
 Juntas somos las brujas contemporâneas que unidas são mais fortes
 Que desestabilizam e de fininho estruturam mundos com seus caldeirões
 Estou construindo meu arcabouço de feitiçarias
 E para isso é preciso ter paciência ao mesmo tempo que um senso de urgência
 Eu aprendi.
 Vocês aprenderam?
 Agradeço e continuo
 Pisando de pés descalços no chão pegando em suas mãos
 A crítica dói mas cria marca
 Cuido disso
 Cuidamos juntas?*

Em um texto escrito em 1989, Isabelle Stengers nos conta uma história sobre uma cientista chamada McClintock (Você já tinha ouvido o nome dela?). McClintock era cientista, e para ser mais exata, era citogeneticista. Naquela época, mais fortemente do que hoje em dia, as mulheres cientistas não ganhavam muita atenção e muitas das vezes, McClintock se sentiu

desvalorizada em seus estudos por seus colegas que eram homens. Isabelle Stengers (1989) continua nos contando que nos anos que trabalhou (anos 30/40) os seus colegas de profissão estavam estudando seres como bactérias e microrganismos que eram vistos como uma ciência mais importante do que ela estava fazendo na época, que era estudar os grãos de milho.

Seu estudo era lento e meticuloso. Cada espiga de milho continha muitos grãos e cada um deles era um organismo singular. A partir desses estudos, ela pode estudar os cromossomos e o genoma se baseando em uma metodologia que não era comum na época. **A metodologia utilizada por ela na época, foi sim uma metodologia feminista atritável.** Ela propôs uma conversa com o milho. De alguma forma, o que McClintock fazia era deixar o seu objeto de estudos falar com ela, já que ele mesmo não era apenas uma forma de afirmar os seus estudos, mas sim um organismo no mundo que teria sua própria história a ser contada. Ela foi cuidadosa e se afetou com o seu estudo, se mantendo responsável por aquilo que estava em suas mãos.

Esse cuidado a partir do que chamamos de uma ética do amor não é apenas bondoso: seu estudo foi imbuído possivelmente de muitas frustrações, raivas e desgostos para com seus colegas de profissão, mas ao mesmo tempo ela se manteve forte e responsável com o conhecimento que foi aprendendo na relação com o seu objeto de estudo. Não quis criar verdades apenas para que elas existissem. Preocupada com a prática do que criava, se permitiu se conectar com o milho e assim, ganhou o prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1983. Mesmo sem o aval dos colegas de profissão, ela insistiu e foi ao contrário da forma de produção de ciência que estava em voga. Ser insistente e subversiva é ser feminista.

Invoquei, a propósito da ciência, as práticas da caça. É preciso agora distinguir. McClintock era um caçador solitário. As teses epistemológicas dominantes são feitas para uma caça que é a da matilha. O princípio da matilha é a rapidez. O caçador solitário toma seu tempo, evita toda precipitação da qual inevitavelmente se aproveitaria o adversário-parceiro à espreita. A arte da caça solitária é de empatia, de afrontamento entre a sutileza da presa e a do caçador. Ninguém melhor do que o caçador sabe do que é capaz sua presa, sabe farejar suas astúcias eventuais, prever suas iniciativas e suas reações. Completamente diversa é a prática da matilha. Aqui, a presa está visível, enlouquecida, reduzida ao comportamento canalizado que lhe impõe a matilha, idealmente intercambiável. O essencial é a coordenação entre os comportamentos dos participantes, o fato de que compreendem todos de maneira coerente os mesmos sinais. A matilha cria um objeto suscetível de conhecimento “intersubjetivo” (Stengers, 1989, p. 7).

Stengers (1989) então nos ajuda a pensar e usa a metáfora da caça para falar sobre a produção de conhecimento. Apostamos então numa metodologia de pesquisa que se

assemelha ao caçador solitário, como McClintock. Mesmo na caça, o caçador se preocupa com sua presa, tendo cuidado para que a mesma possa existir no ato. A caça envolve uma relação e só acontece por atritos entre os que participam do acontecimento. Essa relação definitivamente passa por um cuidado meticuloso, mas não necessariamente por um cuidado apaziguador. Será que quando falo de cuidado, falo apenas de uma perspectiva amorosa? Nesse mesmo texto ela nos indaga: “*A empatia significa por definição a relação apaziguada?*” (Stengers, 1989, p. 2).

Um dos pontos importantes para se colocar aqui também é sobre o cuidado em participar da formação de um sujeito quando acreditamos na academia a partir de um olhar feminista. bell hooks (2013) em seu livro “Ensinando a Transgredir” fala muito sobre a sua experiência como professora da graduação de Estudos da Mulher e de teoria feminista. Uma coisa que me chama atenção é que em um dos seus textos¹⁰, ela fala o quanto que ao mesmo tempo dentro da sala de aula, pode haver muitas tensões e muitas risadas mas que essas tensões, a partir de uma base feminista, fazem parte do próprio aprender, já que não são apenas pontos de discussão, mas são também pontes para abertura de pensamento.

O vínculo, quando a professora se coloca de corpo inteiro, é visto como mais um motor no aprendizado. bell hooks (2013) fala da importância de trazer o entusiasmo para o processo do ensino-aprendizagem e como isso pode ser uma prática libertadora tanto para os professores quanto para os alunos. Isso nos mostra, como foi colocado em algumas páginas acima, que as relações nem sempre são fáceis e que conflitos existem e vão continuar existindo, mas em uma sala de aula que a sua didática está baseada em práticas de cuidado a partir de uma concepção feminista, as singularidades de cada um, serão respeitadas e acolhidas.

Entender o processo de ensino-aprendizagem seguindo uma ética do cuidado se torna mais potente quando acreditamos que a educação é uma prática de liberdade também, como hooks continua nos ensinando. Como ela fala:

O pressuposto inicial tem de ser o de que todos na classe são capazes de agir com responsabilidade. Esse tem de ser o ponto de partida - de que somos capazes de agir juntos com responsabilidade para criar um ambiente de aprendizado. Com demasiada frequência, nós, professores universitários,

¹⁰ Capítulo 8, “Pensamento Feminista: na sala de aula agora”, de hooks (2013).

somos formados para supor que os alunos não são capazes de agir com responsabilidade; que, se não exercermos controle sobre eles, haverá balbúrdia e nada mais (hooks, 2013, p. 203).

Uma prática de liberdade também exige uma responsabilidade de si e no que está fazendo. O pressuposto de cuidado ligando o pensar, o sentir e o agir também deve estar presente nesse sentido, tanto no sentido das alunas quanto nas professoras. Ou seja, aqui, defendo uma metodologia que se preocupa com o cuidado em sua teoria, mas ao mesmo tempo, o cuidado também está na prática dentro da sala de aula.

No ano de 2022 eu tive que fazer uma cirurgia como comentei no capítulo anterior. Fiz uma cirurgia ginecológica com um médico homem, mesmo eu não querendo muito... o plano de saúde que tenho não me deu muitas opções de cirurgiãs mulheres para eu escolher. No final, não foi de todo ruim, o médico realmente fez um bom trabalho, mas todo momento que estava na presença dele eu estava incomodada e não estava confortável. O anestesista também era homem e o segundo médico também... havia uma enfermeira e a instrumentista que eram mulheres, mas elas minimamente encostaram em mim, apenas ficaram de apoio acompanhando o procedimento... o que poderia acontecer comigo ali? Muitas preocupações para além da própria cirurgia que foi simples, se passaram na minha cabeça.

...

Qual é o espaço que as mulheres ocupam no sistema que conhecemos e consequentemente na produção de subjetividade? Claramente é de se notar que as mulheres estão sendo colocadas como profissionais de suporte ou profissionais que estão na linha de frente do cuidado. Trabalham na área de reprodução de corpos dóceis e no suporte do sistema, reparando, cuidando, educando e acompanhando... O que podemos tirar dessa reflexão para entender o pensamento social e como perpetuamos o patriarcado no momento de escolha do vestibular dos jovens? O que entendemos da subjetividade social criada que separa o que seria trabalho para mulheres e para homens?

...

Em um momento da minha graduação, acompanhei em um grupo terapêutico um homem negro que estava fazendo faculdade de programação mas o sonho dele era poder ser professor infantil mas tinha medo de como as famílias das crianças iriam reagir a ele. Confiariam em um homem negro para cuidar das suas crianças? Muitas pessoas acabam

perdendo os seus sonhos porque o sistema é muito duro e violento com as suas existências. Por que que pelas marcas do seu corpo esse homem não seria cuidadoso e amoroso com crianças? Por qual motivo apenas mulheres são delicadas, amorosas, prestativas e cuidadosas?

Penso que agora está na hora da gente criar um pensamento disruptivo que entende o cuidado não como algo que perpetua o sistema, mas como algo que vá revolucionar e cuidar realmente para que pensamentos não normativos tenham lugar e singularidades possam existir para além do patriarcado.

Quando vivemos em um sistema onde a máxima é sermos seres completamente independentes em última instância, isso significa que o cuidado com o outro, com o próximo, com o ambiente e com tudo fora de mim, não se torna algo essencial, mas algo como um suporte para alavancar meu sucesso. O cuidado que propomos é um conceito político, já que bota em cena o descuido das nossas relações, que acima de tudo, dita esconder nossas vulnerabilidades, ou seja, o que temos de mais bonito que é a nossa interdependência como sociedade e comunidade.

A ideia da existência de um ser humano definido por sua autonomia e liberdade mais do que sua dependência e vulnerabilidade foi aventada pelos críticos, que consideravam manifestação de fraqueza a “sociedade do cuidado mútuo (...)” (Hirata, 2022, p. 23).

A independência é um conceito inventado pela nossa sociedade. A independência é um conceito que gela nossas relações e faz com que o sistema capitalista focado no racional e no ritmo patriarcal e colonial cresça. O cuidado precisa estar para além desse sistema.

Nós nos distanciamos de forma a sentir, olhar e respirar mais profundamente – e para nos aproximar de novo, com o propósito de ouvir, abraçar e acariciar. As perguntas: quem é o meu próximo?, de quem me torno próxima? e de quem me aproximo? são inevitáveis. Ou ainda: quem se aproxima de mim, e para quê? Ambas as posturas nos convidam à reflexão e apreensão das emoções que nos habitam frente a essa proximidade. Falo de emoções porque cada vez mais acredito que elas não só movem o conhecimento do mundo e de nós mesmas, mas também nos impulsionam na aproximação e no distanciamento dos outros e outras. Também marcam políticas, econômicas, ciências e religiões (Diniz; Gebara, 2022, p. 57).

A ética do cuidado proposta aqui é relacionada à uma resistência. Resistir ao sistema capitalista para podermos apostar em uma forma de pensar e produzir conhecimento a partir do que sentimos e de quem somos. É esse o poder revolucionário do cuidado: cuidar para que no processo de produção de saberes, as marcas não sumam, cuidar para que aquilo que é escrito esteja sempre conectado com o sentir e com o agir. O conhecimento se dá a partir de todo esse aglomerado, de todas as marcas, as afetações e emoções que são paradoxais e que não se fecham, como Rosana Paulino propõe, mas é a partir disso, a partir desse lugar limiar, dessas costuras, que o conhecimento se torna mais potente.

Esse cuidado é como um pedido de aproximação: cuidamos para nos relacionar melhor com o outro, com o mundo e o que é produzido nele. O cuidado nada mais é do que uma condição para a criação de coalizão que é explorada no próximo capítulo.

Capítulo 3 – Uma concepção de poder feminista a partir do conhecimento: saber-aprender

Em que academia aposto estar? “(...) celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade” (hooks, 2013, p. 24).

Minha tia morou comigo e com a minha mãe até eu completar 20 anos de idade. Desde sempre ela trabalhava com artesanato. Na minha infância, a casa vivia cheia de tecidos, linhas, botões e agulhas pela sala... ela estava sempre ocupada ou costurando no bequinho que tinha entre a porta da cozinha e o corredor ou na sala cortando e montando os moldes das roupas que ela fazia.

Minha tia me contou que quando eu era bebê eu amava quando ela colocava os moldes no chão porque eu engatinhava até ficar em cima deles. Falava que eu servia de peso para que os mesmos não saíssem do lugar para ela conseguir cortar os tecidos de forma correta. Minha mãe morria de medo que eu me machucasse nas agulhas e tesouras mas eu me divertia no meio das artes.

Ela sempre me ensinou a trabalhar manualmente, não à toa, eu sei costurar, bordar e mexer com miçangas fazendo bijuteria e coisinhas desse tipo. O cuidado que passa pelo toque vem daí, eu acredito. Minha tia me passou um conhecimento muito importante que carrego comigo até hoje, mas de forma traduzida no que faço no dia a dia. Aprendi pela troca, pelo corpo, pelo o que faz sentido na prática. O saber vai muito além da teoria e das palavras, ele está na prática e no fazer junto. Sei costurar linhas nos tecidos e costuro aqui palavras nesses papéis virtuais.

Existe conhecimento apenas na academia? Claramente que não. O saber é algo que vai para muito além do conhecimento acadêmico. No senso comum, quando pensamos em uma pessoa inteligente pensamos em um europeu branco rico. Nosso imaginário cultural, muito construído pelas artes, em filmes e histórias, faz construir um personagem sábio com arquétipos parecidos com os magos ou os empresários mais ricos do mundo. A nossa sociedade significou que inteligência e conhecimento, necessariamente, viriam com

graduações e trabalhos relacionados ao mental. Isso faz, conseqüentemente, que no imaginário coletivo o ser mais sábio seja um homem empresário.

A partir desse pensamento, como vimos nos capítulos anteriores, o ser *homem* é conseqüentemente ligado ao que chamamos de razão, enquanto que as mulheres e todos os *outros* que não são a estrutura entendida como homem, são ligadas ao que chamamos de corpo e isso é entendido como um organismo não pensante, não inteligente, não sujeito que poderia indagar e produzir verdades.

A negação da racionalidade nos coloca naquele lugar (...) que as mulheres estão relacionadas às emoções e os homens estão ligados à razão e, por isso, a razão prevalece como geradora de conhecimento, enquanto a emoção é descartada como tal. Essa armadilha nos faz dizer que o conhecimento gerado pelas mulheres seria inferior por se inclinar às emoções. O que defendemos aqui é que o conhecimento não ocorre sob a égide de uma racionalidade desencarnada, porém, numa estratégia de poder, nomeia aquilo que se faz em determinados dispositivos de procedimentos “racionais”, contrapondo-os a quaisquer outros conhecimentos que contam com maneiras diversas de produzir afetos (Monteiro, 2020, p. 138).

O conhecimento do corpo, dos afetos e daquilo que não necessariamente perpassa o conhecimento racional e acadêmico é negligenciado. Penso nos saberes coletivos, por exemplo, que passam de pessoa para pessoa através da fala e do ouvir. Os saberes ancestrais, que são passados através de histórias, contos e narrativas que compõem a vida dos indivíduos e das suas comunidades. Penso nos saberes que são entendidos através do toque e no contato. Aprendemos a tocar e a entender que toque queremos em nós, e isso é uma sabedoria importantíssima.

Uma grande parte da história da humanidade foi esquecida quando pensamos dessa forma. O poder da inteligência só vale a pena se o indivíduo conquistá-lo. Volto aos ancestrais para pensarmos sobre essa questão: se não fossemos seres sociais, a gente teria chegado onde chegamos? *Homo sapiens/Homem que sabe*. Começamos a saber sozinhos? Uma das estratégias de sobrevivência que tivemos foi a comunicação e a troca. Conhecimento só se torna inteligência a partir do momento que trocamos.

O poder da academia se dá pela representação. Quando produzimos conhecimento, produzimos verdades e símbolos. Os símbolos que produzimos são propagadores, ou não, da cultura visível. A partir do momento que o conhecimento se dá a partir de uma metodologia *masculinista*, dando valor ao individualismo, a neutralidade, ao racismo, sexismo, capacitismo e a heteronormatividade (entre outras), acabamos por compactuar com essas questões na sociedade em que vivemos. Perpetuar com essas ideias é confirmar que o poder

que é exercido nos corpos dissidentes é um poder que continuará em pauta, não nos preocupando assim com a responsabilidade de construirmos uma sociedade coletiva heterogênea.

A ideia desse capítulo é criticar, pensar e refletir sobre algumas ideias sobre o conceito de poder. Afirmamos uma estrutura patriarcal dentro da academia quando entendemos poder como algo que se tem e conseqüentemente como algo que cria rivalidade, competitividade e grupos superiores e inferiores. “Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a” (Kilomba, 2019, p. 51).

A partir do que foi discutido no capítulo 2, sobre construir uma vida e uma pesquisa metodológica também baseadas no cuidado, **aposto numa ideia de poder que não se tem, mas é um poder no seu sentido verbal, aberto, que mais do que nunca, é um poder aprender com o mundo e em comunidade. O campo de *saber-aprender* é um campo que coloca o poder literalmente como um campo de possibilidade. Você pode, você é capaz de. Com isso, colocamos em paralelo o poder com o aprender.**

Nesse sentido, a interseccionalidade me ajuda a pensar o campo do poder que subjuga, entendendo que cada marca que o corpo possui é uma marca de uma encruzilhada pisada pelo poder dominante. Esse poder não é o verbo que capacita, mas sim o substantivo que destrói. A partir do *saber-aprender* cada marca, cada intercessão é uma aposta de novos saberes e aprendizados que potencializam o sujeito. A marca não deveria ser um obstáculo e sim um motor propulsor. É sentindo de dentro do que se é, do corpo que pulsa, que podemos aprender e ir para o mundo. O corpo é onde se inicia o processo de aprendizagem e de criação que tem como foco o cuidado na produção de conhecimento, se responsabilizando pelas conseqüências dessas teorias feitas.

bell hooks (2020b, p. 131) no capítulo chamado: “Mudando as Perspectivas Sobre o Poder”, conceitua poder como: “dominação e ao controle sobre pessoas e coisas”. Entendemos que Foucault construiu o conceito de saber-poder em seus livros, mas aqui pretendo pegar o conceito de Poder a partir do que Silvia Federici nos convoca a pensar. Silvia Federici é uma filósofa que faz dobras com as teorias foucaultianas, e aqui pretendo fazer uma dobra da dobra. Silvia nos coloca a ideia de que o poder é entendido como uma violência que é exercida e cai em um outro corpo, como bell hooks também entende. E esse outro ela aposta ser as mulheres, vindo muito dos estudos que ela faz sobre a época da caça às bruxas:

O “saber” apenas pode converter-se em “poder” se conseguir fazer cumprir suas prescrições. Isso significa que o corpo mecânico, o corpo-máquina, não poderia ter se convertido em modelo de comportamento social sem a destruição, por parte do Estado, de uma ampla gama de crenças pré-capitalistas, práticas e sujeitos sociais cuja existência contradizia a regulação do comportamento corporal prometido pela filosofia mecanicista. É por isso que, em plena Era da Razão - a idade do ceticismo e da dúvida metódica - encontramos um ataque feroz ao corpo, firmemente apoiado por muitos dos que subscreviam a nova doutrina (Federici, 2017, p. 267).

E mais uma vez, como vimos no primeiro capítulo, esse ataque ao corpo, é um ataque principalmente às mulheres e aos corpos dissidentes. A teoria que é criada no âmbito acadêmico, quando não leva em consideração o corpo, cria um jogo perigoso de poder já que neutraliza a existência de marcas e diferenças entre vivências e conseqüentemente apaga a possibilidade de que verdades diferentes daquela sejam colocadas e com isso elas são entendidas como inferiores ou como não existentes. Teorias criam verdades e vidas.

Grada Kilomba (2019, p. 54) nos aponta questões muito importantes que são essenciais para essa problemática que estamos pensando:

A epistemologia, derivada das palavras gregas *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência, é a ciência da aquisição de conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (temas), como analisar e explicar um fenômeno (paradigmas) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (métodos), e nesse sentido define não apenas o que é o conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar. Mas quem define quais perguntas merecem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas?

Neste trabalho me propus a pensar em como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (métodos) colocando a vista que o modo como pesquisamos hegemonicamente acaba fazendo com que as respostas para as questões da Grada não mudem. Quem define quais perguntas merecem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas? A resposta para todas essas questões é: A estrutura homem.

Quando falamos de homens brancos, estamos descrevendo algo. Estamos descrevendo uma instituição. Uma instituição se refere tipicamente a uma estrutura persistente ou a um mecanismo de ordem social que governa o comportamento de um conjunto de indivíduos em uma comunidade determinada. Quando digo, então, que homens brancos são uma instituição, não me refiro apenas ao que foi instituído ou construído, mas também aos

mecanismos que garantem a persistência dessa estrutura (Ahmed, 2022, p. 243).

A estrutura homem é a que tem domínio do campo do saber-poder e essa forma de pensar está completamente ligada ao sistema capitalista neoliberal que vivemos hoje em dia. Pensar numa outra forma de produção de verdades, é pensar uma outra forma de estruturação da nossa sociedade.

A ideia que poder se refere a algo que é posse de indivíduos (um produto) e significa dominação em cima de outros pode ser encontrado na escrita filosófica do século XVII onde serviu como uma justificativa para os modos como a sociedade era manejada e controlada pelo mercado¹¹ (Hartsock, 1998, p. 32, tradução nossa).

A forma neoliberal de pensar, leva em consideração a individualidade e a competitividade, dando ênfase na dominação de uns para o bem de outros, ou seja, não é focada no cuidado e no amor, como colocado no capítulo acima. Essa forma de pensar não aflora o desejo de aprender e de conhecer, mas sim, o desejo de ser melhor que o outro já que sabe mais. Perdemos o que Audre Lorde chama de erótico que existe em nós e ficamos inebriados pelo o que o poder de conhecer pode nos oferecer.

Pensar no saber-aprender é pensar uma forma de criação de conhecimento em comunidade e não focada na subjugação ou dominação do outro. O aprender é a troca, o saber é focado na relação e no coletivo, indo contrário ao pensamento individualista e competitivo que vemos dentro da academia.

Uma das atividades do mestrado obrigatórias era a produção de algo acadêmico, seja: escrever um artigo, operar em alguma monitoria com algum professor ou a criação de um curso/ grupo de estudos ministrado por você mesmo. Eu quis ministrar um grupo de estudos. Como uma forma prática de entender as experiências das mulheres dentro da academia, propus um grupo de estudos onde lemos o livro da Gloria Anzaldúa (2021) que tinha acabado de ser publicado no Brasil chamado: “A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios”. Nesse grupo, a ideia principal era discutir os textos da Gloria ao mesmo tempo que estudaríamos a

¹¹ “The idea that power refers to something possessed by individuals (a commodity) and means domination over others can be found in philosophical writing of the seventeenth century where it served as a justification for the ways society was managed and controlled by the marketplace” (Hartsock, 1998, p. 32).

forma dela de produção textual, produção de conhecimento e de si mesma, fazendo um paralelo com a produção de saberes visíveis.

Quis fazer os encontros de forma remota, por uma certa insegurança; por pensar que de forma online eu estaria mais segura, mas ao mesmo tempo, pensei que de forma remota mais mulheres poderiam se interessar, fazendo rodar por mais lugares, educações, vivências diferenciadas. Logo logo, essa minha insegurança se dissipou. Assim que entro na sala virtual e vejo as mulheres que comporiam comigo esse grupo semanal, a animação tomou conta do meu corpo. Estar em relação em ambientes de estudo/aprendizagem para mim é algo que faz muito sentido.

Ao propor o grupo de estudos, eu criei uma abertura de certa forma terapêutica para trocas potentes que pudessem construir novos modos de nos entendermos como mulheres dentro da lógica masculinista que temos na academia. Como construir nossos modos de estar a partir do que Gloria nos ensina? E para além disso, o grupo se fez potente por si só, porque ali encontramos variadas vivências, experiências, de marcas e origens diferentes mas que ao mesmo tempo, estávamos ali nos disponibilizando a construir algo comum entre nós: o desejo de escrita e o desejo de conhecimento.

Estar em coletivo com outras mulheres pode ser acolhedor. Fiz o grupo com esse propósito. Mesmo que de maneira virtual, nos sentimos sentadas numa mesa de bar ou de um café, conversando e sentindo que Gloria Anzaldúa estava conosco, ensinando e aprendendo com a gente. Eu ansiava pelos encontros e as mulheres puderam me falar o mesmo. Ansiavam pela troca e pelo alívio também de poder conversar com pessoas que se sentiam de forma semelhante dentro daquilo que produziam em suas pesquisas, projetos e trabalhos. Mesmo não passando por nenhuma situação concreta de apagamento dentro dos espaços acadêmicos, os olhares, os comentários, o próprio modo de funcionar das instituições passam a mensagem de que corpos de mulheres (e corpos dissidentes no geral) não são bem vindos e/ou validados. A insegurança está em nós porque a sociedade constrói que mulheres como nós, não produzimos com uma qualidade boa o suficiente para a academia.

A gente pode conversar sobre essa insegurança e como ela apareceu tanto em mulheres que saíram da graduação agora, quanto aquelas que estão no doutorado, estudando fora do Brasil e fazendo trabalhos incríveis. Colocar essa insegurança e ser abraçada (e muitas das vezes levando umas porradinhas mentais também) por Gloria através de suas palavras, nos fez mais fortes a partir do corpo que somos, das marcas que cada uma pôde colocar. Além de ser um grupo de estudos, também formamos um grupo de acolhimento, de mostrar nossas

vulnerabilidades, mas também de muito sorriso, de cuidado e carinho. Acredito nesse poder da academia, uma academia que junta e não separa.

Como colocado nos capítulos anteriores, poder propor um grupo de estudos é muito importante para mim por causa do meu desejo em continuar com a carreira acadêmica. Acredito muito nesses espaços de troca e de aprendizagem coletiva, onde as pessoas que fazem parte do processo, suas histórias e motivações são parte integral do ensino-aprendizagem. Como hooks (2013, p. 204). coloca: “Quando entro na sala no começo do semestre, cabe a mim estabelecer que nosso propósito deve ser o de criar *juntos*, embora por pouco tempo, uma comunidade de aprendizagem. Isso me proporciona como discente, como alguém que aprende”. Construir uma relação que todos ensinam e todos aprendem é essencial para defender esse *saber-aprender* que coloco aqui, já que é dessa forma coletiva que eu acredito que o conhecimento se faz de maneira mais potente.

Essa academia que junta e que não separa, é a academia que é formada a partir de coalizão, como Gloria nos ensina. A coalizão é uma aliança que se faz para um bem comum, mesmo que as pessoas interessadas sejam completamente diferentes entre si. “Construir coalizão é uma tentativa de equilibrar relações de poder e destruir e subverter o sistema de dominação-subordinação (...)” (Anzaldúa, 2021, p. 190).

Algo perpassa para estarem juntos mesmo com conflitos, mas, definitivamente, com muito respeito e cuidado. Existe uma produção de comuns dentro das singularidades e eu acredito que é isso que traz poder ao processo de ensino-aprendizagem. Existem modos de produção de coalizão, ou seja, produção de comuns por tempo determinado com uma finalidade. Em seu texto: “Ponte, ponte levadiça, banco de areia ou ilha - Lésbicas de cor hacienda alianzas”¹² Gloria explica para nós formas de nos aliar dependendo do momento que estamos, para que a coalizão faça sentido e não machuque mais do que crie potência (Anzaldúa, 2021).

Como ponte: Fazendo uma aliança direta, com mais exposição e como mediadora das suas marcas com as marcas que são diferentes das suas. Essa talvez seja a forma mais dolorida de coalizão já que é um encontro direto, sem possibilidade de recuo.

Como ponte levadiça: Essa forma de coalizão pensa mais em formas de se salvar. Como uma ponte levantada, há uma escolha de não relação em alguns momentos de mais vulnerabilidade. Em momentos de mais necessidade e vontade, a ponte se faz e funciona como uma ponte normal, como colocado acima.

¹² Tirada do livro: “Uma vulva é uma ferida aberta e outros ensaios”, de Anzaldúa (2021).

Como ilha: Não há caminhos, não há pontes e maneiras de conexão. A coalizão não se faz.

Como banco de areia: Uma forma de fazer coalizão organicamente e cuidadosa. Aqui, a conexão se faz a partir do movimento do mar, das ondas que mostram necessidades de mais proximidade com o continente ou não. Assim, não temos uma forma de relação endurecida que ou se faz de maneira mais direta ou não se faz de maneira nenhuma.

Podemos fluir nessas possibilidades, indo de ponte para ilha, para banco de areia e voltar a sermos pontes levadiças. Os movimentos são múltiplos. Parto do princípio que no grupo, fizemos parte de um arquipélago. Ilhas que foram interligadas por bancos de areia que dividiram suas vivências criando ali um conhecimento a partir dos afetos que compartilhamos. Conversamos muito sobre como ocupamos nosso lugar como mulheres (no plural para dar conta das nossas várias formas de sermos) dentro da academia e fizemos isso a partir da energia dos comuns estabelecidos naquele tempo e naquele espaço.

Faço aqui uma ligação com o pensamento de Silvia Federici (2022) que nos coloca que é a partir dos comuns, atualmente, que podemos reivindicar algo que seja um fôlego ao sistema capitalista que vivemos. Em seu livro *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*, ela aposta radicalmente que a forma que encontramos de combater o capitalismo e tudo que isso significa (um mundo machista, patriarcal, hierarquizado, colonial, heteronormativo, capacitista...) é a partir do que pode *furar* essas ideias, que é a comunidade. Em uma palestra, onde foi convidada para falar sobre os comuns dentro das universidades, Federici (2022, p. 172) falou:

Minha contribuição para a conferência foi salientar que, se queremos mudar a universidade e construir “comuns do conhecimento”, não basta nos preocuparmos somente com o conteúdo dos currículos e o custo do ensino, ainda que sejam indiscutivelmente cruciais. Precisamos questionar as condições materiais da produção de uma universidade, sua história e sua relação com as comunidades ao entorno. (...) Devemos também mudar nossa concepção sobre o que é conhecimento e quem pode ser considerado um produtor de conhecimento.

Ou seja, trazendo um pouco para a realidade do nosso país, acredito que a preocupação que aposta quando fala sobre a história da universidade e a relação com a comunidade que a cerca, é literalmente sobre o que eu coloquei no segundo capítulo, o quanto que devemos ter o cuidado em pensar em como a teoria que produzimos afeta a prática, já que a mesma produz verdades e mundos. Pensar em como a universidade, a partir das coalizões que foram formadas, a partir do conhecimento que criou, produz mundo na comunidade e a

ajuda a crescer de uma forma mais saudável, dando espaço para que todas as singularidades sejam ouvidas e possam viver para além de sobreviver. Essa é realmente a educação libertadora. “O poder da sala de aula libertadora é, na verdade, o poder do processo de aprendizado, o trabalho que fazemos para criar uma comunidade” (hooks, 2013, p. 205).

Agora, mais uma vez, pensando no que sou hoje a partir da sensação do grupo que ficou em mim, me vejo numa dança ritmada onde eu e as outras mulheres dançamos numa ciranda. De mãos dadas, temos uma música que é comum mas cada uma tem sua forma de ouvir e de corporificá-la. Mesmo com nossas formas mais diferentes, apertamos nossas mãos como uma força para cada uma sustentar sua coreografia. Mesmo as mais distantes de mim, sinto-as comigo.

Nossas mãos vão se desfazendo, nossa aliança se foi. Mas tudo bem. Cada uma sustenta a sua dança com a força que fora internalizada em cada uma de nós. A coalizão teve um propósito. Aprendemos passos novos que agora fazem parte da minha coreografia que invento todos os dias. De longe as vejo e sinto que olham por mim também. Hoje nos distanciamos, mas já fomos uma ciranda. O meu eu aprendeu e criou. O meu eu ensinou e colocou na roda. Uma porta comum se fechou para que outros espaços possam surgir dos mais diferentes movimentos.

Uma onda faz cócegas nos meus pés. Devo segui-la?

Me atrevo a construir caminhos que piso com os pés que danço por aí...

Estar dentro para mudar o sistema aos poucos. Essa é a proposta quando falo de uma aposta metodológica feminista que perpassa tanto o modo como as pesquisas e trabalhos são feitos quanto o modo como o ensino é montado dentro das Universidades. Sara Ahmed (2022) quando escreve seu livro “Viver uma vida feminista”, fala a partir de experiências vividas dentro de universidades e como ela foi entendendo o seu trabalho político como professora nessa Instituição de Ensino.

Ela defende que de certa forma, somos trabalhadores da diversidade, com nossos corpos invisíveis e diferentes que falam e defendem modos diferentes de pensar e ser no mundo. Dentro dessas Instituições, quando tentamos fazer a diferença de dentro, “aprendemos sobre as técnicas do poder ao tentar transformar as normas institucionais, ou ao tentar estar em um mundo que não comporta nossa existência” (Ahmed, 2022, p. 154).

É complexo estar neste lugar de trabalhador da diversidade porque estamos sempre em lugares onde não querem que estejamos mas precisamos estar, por pressões do mundo onde vivemos. O mundo fala em diversidade e até a defende em alguns cantos, por isso nossos trabalhos são aceitos, mas não querem especificamente que trabalhemos. Servimos para tapar um buraco e para favorecer as instituições que estamos. “Isto é difícil: nossos esforços para transformar instituições podem ser usados por instituições como evidência de que foram transformadas” (Ahmed, 2022, p. 169).

Estamos para cumprir um “requisito de diversidade” e para trabalhar dessa forma, e fazer uma dobra nesse pensamento, para fazer o que viemos para fazer de fato, trabalhamos muito mais já que fazemos esforços com o nosso corpo inteiro, para nos fazer caber - e fazer caber modos de conhecimento e pertencimentos múltiplos. Não só para nos fazer caber, mas para sermos vistos e validados.

Como trabalhar em uma Instituição para mudá-la e conseqüentemente transformar modos de estar no mundo? É preciso muito suor, lágrima, corpo e afetações já que esse trabalho é basicamente um trabalho de repetição e de coletividade. Trabalho de repetição é como o trabalho da clínica psicoterapêutica: é preciso falar muitas e muitas vezes para observar um movimento pequeno ser traçado. O trabalho das feministas dentro da academia é um trabalho como esse, que envolve persistência. E também é um trabalho de coletividade porque mulheres feministas unidas conseguem fazer mais barulho e conseguem ter mais força para empurrar a academia para um caminho mais aberto.

Eu me considero uma professora e escritora mestiza multiculturalista definida por minha identidade de chicana texana sapatão de origem trabalhadora. Eu estou envolvida com a luta anticolonial contra a assimilação literária, e reivindico espaço linguístico para validar minha linguagem e histórias pessoais. Feministas mestizas como eu buscam os meios de transformar práticas pedagógicas e institucionais para que elas representem pessoas étnicas e protejam estudantes de cor, lésbicas e gays contra a violência racista e heterossexista (Anzaldúa, 2021, p. 184).

Gloria Anzaldúa (2021) também defende esse trabalho da diversidade dentro da academia. Com outras palavras, ela fala sobre o multiculturalismo e o quanto temos que ir para essa abertura, mesmo com todas as dificuldades vivenciadas pelo neoconservadorismo que nos assola. Também como professora, ela acredita muito no poder da educação e por isso fala muito sobre como educar. Ela diz:

Nós estamos criando formas de nos educar e às gerações jovens nessa nação mestiza para mudar a forma com que estudantes e docentes pensam e leem através da desconstrução das formas anglo-européias de conhecimento; para criar textos que reflitam as necessidades da comunidade mundial de mulheres e pessoas de cor; e para mostrar como a experiência de vida está conectada às lutas políticas e à feitura da arte (Anzaldúa, 2021, p. 185-186).

Conclusão – um chamado para as leitoras

Termino também com uma outra carta.

Começo a escrita da conclusão sentada em minha cama em um dia nublado. São quase quatro horas da tarde, e é um dos meus horários preferidos do dia, não sei o porquê. Escrevo no intervalo do trabalho, entre os atendimentos. Sair do corpo de psicóloga clínica para psicóloga pesquisadora demorou só uns minutinhos. Respirando fundo, aqui estou para colocar um ponto final ou uma reticência...

Olhos atentos e famintos
eles não são suficientes
não dão conta,
contornam demais,
não dão passagem.

Meus braços se movem sem pretensão
e sem motivos
estão vivos e indisciplinados
prestando atenção no ar entre eles
cuidadosamente com a gravidade
brincam agitados sentindo
a densidade do vento produzido.

Dança potente
que faz a mente rodar

funcionando à vapor:
cada arrepio um insight.

O mundo parece às vezes querer sugar toda nossa paixão. Incessantemente me percebo apática no meu cotidiano me perdendo de mim mesma. Fazendo movimentos automáticos, com preguiça da vida, pensando em mil coisas ao mesmo tempo que em nada. Nesses momentos me sinto uma uva passa. Enrugada. E eu não gosto de uva passa.

O processo de passar por um mestrado, ou de estar em um ambiente acadêmico transforma a gente em uvas passas, de vez em quando... Desidratadas, enrugadas, encolhidas... O processo é duro, difícil e amargo. Como coloquei no segundo capítulo, o processo também às vezes é solitário e descuidado, o que piora mais ainda os ânimos.

Me vi assim. Me frustrei bastante porque pensava que, como eu desejava muito esse processo, seria apenas muito lindo e muito legal. Muito do que eu desejei não foi possível ser efetuado ou por limitações acadêmicas mesmo ou por limitações minhas que eu fui descobrindo aos poucos.

Em um momento da escrita, eu paralisei. Tinha até começado bem, conseguindo ter um ritmo de escrita interessante e leituras também, mas depois de um tempo, as coisas começaram a parar de fazer sentido.

Será que eu escrevo bem?

Será que o que eu escrevo é bom ou relevante?

Será que estou conseguindo me expressar?

Quem sou eu para escrever sobre o que escrevo?

Será que estou usando meu lugar de privilégio da melhor maneira?

Será que estou me expondo muito?

Será que minha escrita está muito narcisista?

...

Muitas incertezas que perpassaram o meu corpo de mulher com todas as minhas marcas. Muitas inseguranças e medos que ainda batem aqui no meu peito enquanto escrevo essa carta para vocês. Com todas essas questões, as palavras saiam embaralhadas, sem sentido e muito confusas, sem ligação, sem cor...

Em uma orientação, onde eu iria colocar as minhas dificuldades, comecei chorando. Nenhuma palavra saiu da minha boca, apenas o choro que estava entalado. Muitos afetos tristes puderam desaguar naquela conversa onde fomos descobrindo que no meio do caminho

eu fui perdendo o tesão e a paixão. O mundo suga. Eu tinha chegado com muito gás e com muito desejo de produção, mas como coloquei, fui me transformando em uma uva passa.

Gostaria de colocar aqui que aquele choro, que foi uma expressão nítida das afetações no meu corpo, também faz parte dessa dissertação. Os olhos cansados das leituras, os dedos com unhas roídas pelas tensões, a pele oleosa pelo suor que transborda nos dias quentes onde passei escrevendo e estudando... meu corpo tá aqui.

O choro foi dando uma abertura para outros sentidos. Sentidos tanto em relação a sentimentos quanto ao sentido de propósito. Ufa, as palavras não mais eram apenas um amontoado sem rumo, elas foram se organizando de novo com o poder do coletivo que estava ali. Um coletivo de mulheres.

Fui me apaixonando de volta.

E percebi: a paixão movimenta.

A minha conclusão é um pedido e uma convocatória.

Escreva cada vez mais com seus corpos e não permita que a academia acabe com a sua paixão. Escreva muito, escreva gritando, escreva esbravejando, escreva com medo, com coragem, escreva com lápis, com caneta, escreva no papel ou no digital.

Escreva para não sumir. Escreva para ser quem se é. Escreva para você. Escreva para dar visibilidade a outras.

Quando apostamos umas nas outras e nas mais diversas formas de conhecer e estar, a paixão transborda e pode dar lugar para quem não tem visibilidade. A paixão precisa estar no político para que a gente possa se agrupar em comunidade.

Esteja com as suas, construa coalizões. Não existe poder maior que as relações. Divida e some. Multiplique-se.

A partir de uma metodologia que tem como base uma literatura feminista, podemos coletivizar nossos conhecimentos e produzir cuidados com amor e com tesão. Com os nossos próprios corpos.

Acredito que assim, podemos estabelecer brechas e respirar fundo.

Assim, podemos ser mais saudáveis.

Assim, podemos pegar nas nossas mãos.

Vamos juntas?

...

Referências Bibliográficas

AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. Ed.1. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. 1ª ed. Rio de Janeiro: A bolha Editora, 2021.

ATLÂNTICO Vermelho. Galeria Superfície, 2016. Disponível em: <<https://galeriasuperficie.com.br/exposicoes/rosana-paulino-atlantico-vermelho/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2023.

AZEVEDO, Adriana, Corpo Atritável ou uma nova epistemologia do sexo. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 303-313.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança Feminista**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 1ª Ed. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI Silvia. **Reencantando o mundo**: Feminismo e a política dos comuns. 1ª Ed. São Paulo: Elefante, 2022.

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. **Entre mestizas e nepantleras**: A auto-historia, de Gloria Evangelina Anzaldua, em Borderlands/La Frontera. Orientadora Vera Lucia Harabagi Hanna. 210f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

GESSER, Marivete; FIETZ, Helena. Ética do Cuidado e a experiência da deficiência: entrevista com Eva Feder Kittay. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2021, v. 29, n. 2 [Acessado 30 Agosto 2023], e64987. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n264987>

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046>

HARTSOCK, Nancy C. M. **The Feminist Standpoint Revisited, And Other Essays**. Ed.1. Nova Iorque: Basic Books, 1998.

HIRATA, Helena. **O cuidado: teorias e práticas**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. 1ª ed. São Paulo: Elefante, 2020a.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: Da Margem ao Centro**. 1ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020b.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ITAÚ Cultural. Rosana Paulino – Diálogos Ausentes (2016). YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7awdUzh9UVg&t=271s&ab_channel=Ita%C3%BACultural>. Acesso em: 28 de jul. de 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. 1ªed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LA Muchacha. POLEN - La Serpiente. **YouTube**, nov., 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y9bjZ6NhglQ&ab_channel=LaMuchacha. Acesso em: 30 de agosto de 2023.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaios e Conferências**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2016, v. 21, n. 10 [Acessado 13 Janeiro 2023], p. 3265-3276. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>.

MELLO, Anahí Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 20, n. 3, Dez. 2012, p. 635-655.

MOL, Annemarie. **The logic of care: health and the problem of patient choice**. 2 ed. Oxford: Routledge, 2008.

MONTEIRO, Ana Claudia, As emoções como processos mentais: subjetividade, corpo, emoções e afetos. *In*: MONTEIRO, Ana Claudia. **Processos Psicológicos: Perspectivas Situadas**. Niterói: Eduff, 2020. p. 110-145.

MORAES Marcia, PesquisarCOM: permanências e reparações. *In*. QUADROS, Laura Cristina de Toledo et al. **PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia**. Rio de Janeiro. Nau Editora. 2022

NIX, Alexandre. Entre assentar e refazer-se. Uncool Artist, 2020. Disponível em: <<https://uncoolartist.com/entre-assentar-e-refazer-se/>>\

OYÊWÙMÍ, Oyèronké. **A invenção das mulheres**: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1ªed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PINK Floyd. The Wall. Direção: Alan Parker. Produção: Alan Marshall. Roteiro: Roger Waters. Manaus: Sonopress, 1982. 1 DVD (95 min), NTSC, son., colo.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo *et al.* O PesquisarCOM e o feminino na ciência. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 11, n. 1, p. 4-10, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 mar. 2023.

RAGO, Margareth, Epistemologia Feminista, gênero e história. In. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista Brasileiro**: formação e contexto. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 371-386.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

STENGERS, Isabelle. A Ciência no Feminino. **Revista 34 Letras**: Santa Catarina. v. 5, n. 6, p 427-431, 1989.

TELES, Elis. **Por uma ética feminista comunitária do cuidado a partir de um corpo chão**. Orientadora: Marcia Oliveira Moraes. 102f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2021.